

BASTA DE RACISMO



O ataque ao atacante Vini expõe as entranhas do preconceito racial no esporte mais famoso do mundo. Até quando vamos tolerar?



PC

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 29 de Maio de 2023 Nº 97

Karla Monteiro fala do papel da imprensa antes e agora
Marco fiscal passa na Câmara e coloca país em novo momento
Lula e Alckmin lançam as bases da neoindustrialização
Congresso instala a CPI do Ataque à Democracia
Morre a cantora Tina Turner, a rainha do pop e do rock

ORGANIZAÇÃO

Nelson Victor Le Cocq D'Oliveira

Inês Patrício

Antonio Carlos F. Galvão

Adhemar Mineiro

Mariano Macedo

Helena Maria Martins Lastres

Cid Olival Feitosa

CARLOS LESSA

O PASSADO E O FUTURO DO BRASIL



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

expressão
POPULAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ECONOMISTAS PELA
DEMOCRACIA

ATO DE INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE
 Você que conhece o jornal O Trabalho, comemore conosco seus 45 anos.
 E aproveite para conhecer nossa nova sede.



Jornal
O TRABALHO 45 ANOS

Contribuição para entrada, **RS 5,00** (o valor de um jornal)

20 mai sábado * **15h**

**PRAÇA DA REPÚBLICA,
 Nº 478, SALA 71 - SÃO PAULO**

**CONTRIBUA COM A REVISTA
 REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro. O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!



EXPOSIÇÃO



43 anos
 NA LUTA PELA
**DEMOCRACIA
 BRASILEIRA**

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Fernanda Estima, Guto Alves, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento, Olímpio Cruz Neto, Paulo Chagas e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho, Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre, Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



Reprodução

RURALISTAS ESVAZIAM ÁREAS AMBIENTAL E INDÍGENA

Em manobra conduzida por integrantes do Centrão, comissão que analisa MP da estrutura do governo decide retirar dos ministérios do Meio Ambiente e de Povos Indígenas os instrumentos para regulação e controle fiscal.

Página 20

ENTREVISTA. Karla Monteiro fala de Samuel Wainer e Leonel Brizola
Página 6

CONGRESSO. Novo marco fiscal é aprovado por maioria folgada na Câmara
Página 24

G7. Lula cobra apoio dos países ricos para a proteção das florestas da Amazônia
Página 30

CAPA. Os ataques racistas a Vinícius Júnior, na Espanha, escancara o preconceito
Página 12

OPINIÃO. Zeca Dirceu diz que nova política fiscal será a base do crescimento
Página 26

HISTÓRIA. A prisão de estudantes em 1977 e as falcatruas de PC Farias
Páginas 32

GOLPISMO. Começa a funcionar a CPI dos Ataques à Democracia
Página 18

ECONOMIA. Inflação segue em queda, mas os juros continuam nas alturas
Página 27

MÚSICA. Morre a rainha do rock e do R&B, Tina Turner, aos 83 anos, na Suíça
Página 36

GOVERNO. Lula e Alckmin lançam as bases da nova industrialização nacional
Página 22

ARTIGO. Marcelo Freixo alerta para a importância da Embratur para o país
Página 29

LITERATURA. O influente escritor inglês Martin Amis morre de câncer na Flórida
Página 38



RACISMO É SUBPRODUTO DO FASCISMO

Alberto Cantalice

O lamentável e criminoso racismo do qual foi vítima o atleta brasileiro Vinicius Júnior, na Espanha, descortina o preconceito e a xenofobia que caminham historicamente de braços dados com o nazifascismo.

Não à toa o episódio se deu na La Liga de futebol espanhola, país que é o berço do movimento ultradireitista Vox e que foi a pátria liderada pelo "generalíssimo Franco", de triste memória.

A solidariedade demonstrada pelo treinador Carlo Ancelotti, do Real Madrid de Vini Jr, foi crucial. Ao negar-se a falar do resultado da partida e focar no fato sórdido, ele levou parte da imprensa europeia a se manifestar de forma decisiva.

O pronunciamento do presidente Lula e a pronta resposta do ministro Flávio Dino denotaram a indignação do governo brasileiro com a agressão sofrida por um cidadão compatriota.

A firme e decisiva postura do atleta, que não se curvou ou naturalizou a situação, foi o estopim para que vários setores nacionais e internacionais se manifestassem contra a chaga anti-civilizatória: o racismo.

Fundamental, na mesma medida, foram as manifestações de vários segmentos populares brasileiros, em especial o movimento negro, cuja luta árdua contra o racismo estrutural no país se mostrou combativamente ao lado do atleta brasileiro.

O racismo é crime. Enquanto a sociedade brasileira e a comunidade internacional minimizarem

essas ações, mais força ganhará o nazifascismo predador.

Enfrentar de cabeça erguida essa situação que desumaniza e despreza uma parte significativa do mundo é tarefa de todos que defendem uma vida digna para todos.

Magno Malta quebra o decoro parlamentar!

É inaceitável, portanto, a postura do senador Magno Malta (PL-ES) que produziu a chacota da semana ao dizer publicamente que ninguém se preocupa em defender o macaco. Um parlamentar usar esse linguajar para se referir a um episódio de tamanha gravidade, rompe com a civilidade e afronta o Estado de Direito. E, além de tudo, quebra o decoro parlamentar.

O racismo é uma praga. Devemos extirpá-lo!

“A GRANDE REPORTAGEM É QUE DÁ RELEVÂNCIA À IMPRENSA”

Biógrafa de Samuel Wainer e Leonel Brizola, a repórter e escritora descreve suas estratégias para entender esses personagens e sua época. Ela reafirma a importância do jornalismo como ferramenta para entender a realidade. E diz que, como em outros períodos da história, a mídia tomou o lado errado e pagou caro por isso

Bia Abramo

A autora de “Samuel Wainer – O Homem que Estava Lá”, a jornalista Karla Monteiro embarcou na aventura de escrever biografias quase que por acaso. De acordo com a autora, a ideia nasceu num almoço com João Wainer, à época em que ambos trabalhavam na “Folha”.

“Fui pra Indonésia cobrir aquela história do cara do brasileiro que foi fuzilado [Rodrigo Gularte, que foi detido em Jacarta em 2004 por tráfico de drogas e fuzilado em 2015]. Eu falei pra ele que a pessoa para a gente compreender a história da imprensa e como a imprensa te coloca nos momentos de grandes crises políticas seria o

avô dele. Aí ele brincou: ‘Por que você não faz uma biografia dele?’ Fiquei com aquilo na cabeça. Voltei para o Brasil e propus para a editora. E eles toparam”, relata.

As 583 páginas do volume sobre o criador do jornal *Última Hora* foram publicadas finalmente em 2020 e, agora, Karla corre para entregar os originais do primeiro volume de uma biografia do ex-governador Leonel Brizola, fundador do PDT. O livro está previsto para março de 2024.

Karla, que teve passagens por jornais como *O Globo* e revista com *Veja*, *Trip* e *TPM*, interrompeu sua rotina de estudos e escrita para conversar com a revista **Focus Brasil** sobre imprensa, jornalismo e, claro, seus dois biografa-

dos, personagens disruptivos, de militância progressista e que, cada um a seu modo, mudaram a história do Brasil. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Focus Brasil – Imagino que deva ter sido difícil, por que apesar de ser um nome muito conhecido e ter as memórias organizadas no “Minha Razão de Viver”, é uma pessoa sobre a qual se sabe pouco da história por detrás da história que ele conta... O que te levou a fazer a biografia do Samuel Wainer?

Karla Monteiro – O que me levou a fazer essa biografia? Eu estava trabalhando na *Folha de S. Paulo* – trabalhei na *Folha* em dois momentos da minha vida, no início



dos anos 2000, no caderno "Cotidiano", e no final de 2013, 2014, fui para a *Folha* para trabalhar na "Ilustrada". Foi justo naquele momento que o Brasil começou a descer a ladeira. Estavam começando as manifestações contra a Dilma, começando todo o processo da Lava Jato e eu estava ali na *Folha*. Tudo estava me incomodando muito: saber o posicionamento dos jornais, como a imprensa estava olhando aquilo tudo, como estava avaliando aquele momento político e fazendo uma cobertura muito ufanista da Lava-Jato... Fui naquela primeira manifestação, na Paulista, aquela que se dizia que tinha milhões de pessoas e aquilo foi caindo bem mal. Estar ali no jornal e, ao mesmo tempo, discordando muito da cobertura – não só da *Folha*, mas da imprensa como um todo.

No meio disso, fui pra Indonésia com o João Wainer, o neto do Samuel Wainer, cobrir a história daquele brasileiro que foi fuzilado

(cara pego com drogas) naquele momento. Um dia estamos lá, eu e o João, trocando uma ideia no almoço, eu falei pra ele que a pessoa para a gente compreender a história da imprensa e como a imprensa se coloca nos momentos de grandes crises, enfim, um personagem que pode clarificar isso seria o Samuel Wainer. Aí ele brincou: "Por que você não faz uma biografia?" Eu assim, imagina, não tenho estofo nem conhecimento para fazer uma biografia do Wainer. Mas fiquei com aquilo na cabeça. Voltei para o Brasil e aí, num dia, eu propus a biografia para a Companhia das Letras. E eles toparam! Eu levei aquele susto, fiquei: "E agora?", mas comecei a fazer. Escolhi o Samuel muito por uma questão de compreender a imprensa através de um personagem, a pessoa que criou a única cadeia de jornais de esquerda do Brasil, a grande imprensa. Confesso que no início, eu era muito crua. Tive que estudar a história

do Brasil primeiro, estudar Getúlio Vargas, me aprofundar na história política mesmo do país para só depois disso, entrar na história da *Última Hora* e do Samuel. E assim foi por isso muitos momentos.

– Você diria que hoje em dia, temos uma escola brasileira de biografias? Com pesquisa extensa, tempo para estudar o personagem e seu contexto etc.?

– O Ruy Castro disse uma vez que sempre teve certeza de que queria escrever biografias nesse livro que ele acabou de lançar, "A Arte de Escrever Biografias". Eu nunca tive essa certeza. Quando eu trabalhava num jornal ou revista de fazer perfil, eu gostava de fazer entrevistas grandes e perfis. Sempre gostei, sempre foi essa a minha praia. Fiz muita capa de revista, na *Trip* e na *TPM*... Das biografias, eu gostava de lê-las: o Ruy Castro é um cara que eu li muito assim e também o Fernando Moraes, esses biógrafos que que am-

pliam o personagem, que quem o personagem tem um pouco na história comportamental, política, social do país. Quando eu comecei a fazer o Samuel, sim, eu olhei muito para essa linhagem, que é uma linhagem que começa lá com o Fernando Morais e Ruy Castro, e depois segue com Lira Neto e Mário Magalhães. Todo mundo pega essa trilha em biografias, que é o que eu costumo brincar, que são “romances da vida real”. Não é só por que se parte da vida real, mas essas biografias tem uma pegada de romance.

– Imagino que seja pelo fato de que, além de se ancorar na pesquisa, você tem de escrever de uma maneira que faça o leitor mergulhar no catatau...

– E como. Não é nada fácil isso de “encontrar a voz”. Biografia não é um amontoado de informações de arquivo. Você tem que transformar esse arquivo numa pessoa viva, ou seja, você tem que encontrar a voz do narrador, a voz do autor. Isso foi uma coisa que eu persegui muito nesse primeiro livro – e eu tive uma ajuda muito grande do meu editor, que é uma pessoa muito experiente da editora. Eu ligava para ele e perguntava: “tá chato?”. Era essa minha preocupação, porque eu queria que o Samuel fosse uma pessoa viva no livro. Samuel é um personagem muito vibrante, um personagem muito de sangue quente; eu queria trazer isso no livro. Eu queria encontrar a minha voz para contar essa história desse cara e foi isso que eu persegui durante todo o tempo.

– Uma coisa que te diferencia do estilo do Ruy Castro, para citar alguém que realmente imprimiu uma marca na escrita das biografias, é que você tem um fascínio evidente pelo personagem, mas é menos enviesada. O Ruy se apaixona perdidamente pelo biografado,

qualquer que seja ele. Fiquei aqui pensando se isso é uma característica sua ou se os personagens que tem uma vida política impõem esse trato mais distanciado.

– Isso também foi uma outra obsessão minha durante a biografia: não me envolver com o Samuel a ponto de não enxergá-lo. Ele é um personagem complexo, que não tem uma ética retilínea. É um personagem que se tiver que dar chute abaixo da cintura, ele vai dar. Se tiver que passar a perna

BRIZOLA FOI UM PERSONAGEM QUE INCOMODOU MUITO, FOI JULGADO E APEDREJADO. E TINHA UMA RELAÇÃO CONTURBADA COM A IMPRENSA

aqui ou ali, ele vai fazer para chegar num lugar que ele acreditava ser o lugar que lhe pertencia. Isso também me fascinava no Samuel. Coloquei um critério muito forte dentro de mim: não posso ser moralista, eu não posso julgá-lo e condená-lo por isso tudo. Tive de fazer esse exercício de me distanciar do personagem, não julgar, de não absolvê-lo tampouco, de pensar isso faz parte dele.

Agora, assim que você encontrar uma voz para o narrador, mesmo que seja uma voz que pareça

ausente, você percebe que não tem jeito de do autor desaparecer. Eu não acredito em imparcialidade, eu não acredito em objetividade. Eu acredito em honestidade intelectual, em escolher, como diz o Saramago, o olhar palatável, mas deixar aberto para carregar num ponto aqui, aliviar meu ânimo ali e, assim, saber dosar a minha presença? Eu acho que esse é um exercício que vem do jornal, é isso que a gente faz quando escreve para um jornal. Tentei levar um pouco dessa técnica, dessa tentativa incessante de me distanciar sem perder a empatia, sem perder, sem perder a conexão com o personagem, mas sem adorá-lo ou demonizá-lo.

– Quais são os pontos em comum entre seus dois biografados até agora? Além de serem personagens de relevo – o Samuel na imprensa, o Brizola, na nossa história política recente...

– Quando eu terminei de fazer o Samuel Wainer, fiquei pensando quem que eu gostaria de estudar assim daqui pra frente? Como eu te falei lá no início, comecei pensando no papel da imprensa, em como a imprensa nos coloca na história nos momentos de crise do Brasil... Ou seja, decidi por que sua história tem uma ligação direta com o jornalismo. E logo eu também estava pensando isso também sobre o Brizola: o quanto ele foi um personagem que incomodou muito, como foi tão julgado e mesmo apedrejado. Ele sempre teve uma relação muito conturbada com a imprensa, mesmo no Sul, com o Breno Caldas, do *Correio do Povo*. Depois ele vai pro Rio de Janeiro e arruma uma briga gigantesca com o Roberto Marinho.

Então, pensei: “cara, eu gosto desses personagens malucos, cujas atitudes acabam por revelar muito da sociedade em que estão inseridos”. “Malucos” no sentido que eles incomodam, não passam

despercebidos pela vida. Além disso, eu tinha um bom pedaço já estudado sobre a história do tempo em que o Brizola viveu e atuou. Ele e o Samuel correm em paralelo, jogando o jogo na pré-ditadura, os dois ligados a Getúlio Vargas, os dois ligados ao PTB, embora fossem de correntes diferentes dentro do PTB. O Samuel era um defensor da conciliação, tentar puxar o Jango para a terra; o Brizola era mais radical.

– **Eram disruptivos?**

– Exatamente! Disruptivos em termos dos seus objetivos: o Brizola era muito assim. Ele tem uma história fascinante, que eu conhecia pouco também no início. Conheci o Brizola na pós-ditadura, quase com aquela aura folclórica. Agora, estou muito fascinada por sua história, por tudo que o Brizola representou para o país. Então, acho que vem aí um livro que vai trazer o Brizola de volta. Serão dois volumes: o primeiro vai é só até o fim do exílio em 1979, quando ele volta para o Brasil; o segundo, pega o período do Rio de Janeiro, campanha presidencial etc. Tenho até pensado muito nisso de 1989, que o Brizola merecia ter sido presidente...

– **Em algum momento, você teve medo de ferir suscetibilidades ou de entrar demais na intimidade?**

– Claro, você está lidando com a vida de uma outra pessoa e não com a sua. Eu tive, mas não recuei por conta disso. Por exemplo, eles acreditavam muito naquela história de ele ter batido por acaso na porta do Getúlio: por acaso, ele estava sobrevoando o Rio Grande do Sul, fazendo uma matéria sobre uma tribo indígena e de repente deu na telha de entrevistar o Getúlio. Eles acreditavam muito nessa versão, que é o que ele conta na CPI contra a *Última Hora*. Mas aí eu achei a correspondência do Getúlio com ele – e o Lira

Neto já tinha mencionado isso no livro dele sobre o Getúlio –, mas eu mergulhei ainda mais, encontrei mais cartas... E eles me questionaram sobre isso, não brigaram, mas questionaram. Aí eu expliquei: “gente, olha só, tem um monte de cartas entre Alzira Vargas e Getúlio Vargas que comprovam que estava tudo combinado”. Acho que essa foi uma parte delicada. Era assim a arte da política, uma jogada ali que o Assis Chateaubriand combinou de mandar um repórter e o Samuel foi esse repórter. Ago-

PARA COMPREENDER O BRIZOLA, VOCÊ TEM DE COMPREENDER QUE ELE VEM DE UM LUGAR DE REVOLUÇÕES, DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA

ra, ele teve o mérito de chegar lá e arrancar uma entrevista realmente bombástica do Getúlio Vargas, que provocou a volta do Getúlio ao palco da política.

– **E a do Brizola, pode perguntar quando é que sai o primeiro volume ou é um drama?**

– Está previsto para março do ano que vem o primeiro volume. Vamos ver se eu consigo contar a história toda. Estou lutando.

– **Que horas que uma biografia**

está acabada? Você deve ter um planejamento, mas que hora você diz chega, acabou?

– Esse é o momento definitivo, o momento do desaparego. Eu sou muito, acho que até é mesmo um traço de TOC. Eu pego o primeiro capítulo e trabalho nele até esgotar o que eu tenho de assunto e o que tenho de dúvidas. Mas assim, na verdade, de boa, tem uma hora que você toma aquela decisão: “tá bom, agora tá pronto, mas acabar mesmo, não acaba”. Eu poderia ficar outros anos pesquisando o Samuel, mas uma hora você tem de tomar a decisão de que acabou. Com o Brizola, tenho me deparado muito com essa questão de o que é importante contar, que não é tão importante contar... Ontem mesmo, fiquei conversando com o meu editor que só a história da infância do Brizola já era muito rica. É uma história do Rio Grande do Sul, é “O Tempo e o Vento”, sabe?

O pai dele morreu fuzilado na revolução de 23. Aí eu não vou contar a Revolução de 23? Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros; essas pessoas fazem parte da formação do Brizola. Como é que é dosa? O Brizola é de uma família de origem campestre, é de uma cidade muito pequena, eu estive lá, quase na fronteira com o Uruguai. Para você compreender o Brizola, você tem de compreender que ele vem de um lugar de revoluções, de polarização política, de agitação. Ele é de uma cidade de colonização alemã e italiana, ou seja, de uma cidade em que o integralismo teve muita força no começo dos anos 30. A formação do Brizola é muito importante para entender porque é que o Brizola fez tudo o que fez por que tinha aquela personalidade, aquele jeito de falar, naquelas metáforas, por exemplo.

– **Ou seja, vai ser uma história política de um pedaço do Brasil, do Rio Grande do Sul, coisa que**

imagino que tenha tido cuidado de apresentar ao leitor não-gaúcho...

– Eu, por exemplo, não conhecia nada. Eu passei três meses em Porto Alegre e dois meses no Uruguai. O Brizola ficou muitos anos no Uruguai, a vida inteira praticamente teve relação com o Uruguai. A cultura do Brizola era muito gaúcha de fronteira, muito latina. Talvez por isso tenha sido tão incompreendido no Rio de Janeiro. Aliás, tem uma coisa engraçada: o Brizola sempre foi chamado de caudilho e a gente entende de forma pejorativa o caudilho. Daí quando eu fui para o Uruguai, acabei perguntando para a historiadora na casa de quem fiquei hospedada: caudilho aqui é bom ou é ruim? Para a cultura cisplatina, caudilho é um grande líder, um líder de revoluções, um cara que vai para a frente, que vai abrindo caminho.

– A imprensa dos anos 50 nos ajuda a entender o que está acontecendo com a mídia agora?

– Os historiadores odeiam comparação, mas acho que olhar para os anos 50 e o que aconteceu com Lula, nos ajuda muito a entender o que aconteceu com Getúlio, apesar de serem personagens com origens e trajetórias muito diferentes. Getúlio era um personagem extremamente popular, tinha um legado que o povo reconhecia, que eram as leis trabalhistas. Então o Getúlio foi eleito nos anos 1950, popularmente muito forte, mas sem nenhum apoio da imprensa. E quem era a imprensa? A imprensa era Roberto Marinho, Assis Chateaubriand, os Mesquita, o Bittencourt, do Correio da Manhã. Eram esses caras que eram ou herdeiros, ou o Chateaubriand, que era um cara de primeira geração, um intruso. Esses caras tinham uma agenda política. O Júlio Mesquita era praticamente um cara da UDN. O

Roberto Marinho era muito ligado ao Carlos Lacerda. Todos tinham uma agenda liberal, conservadora. E isso era a imprensa, né? Então você olhava para aquilo, aquela opinião daquelas pessoas ali era a opinião que prevalecia, a forma como eu descobria o governo Getúlio, era o que prevalecia. Os jornais eram muito poderosos, muito fortes. O editorial do *Correio da Manhã* era capaz de fazer tremer. E tinha *O Globo*, no Rio, e o *Estadão*, em São Paulo. Eles eram o poder quase absolu-

SAMUEL WAINER FOI O INSTRUSO, O OUTSIDER QUE ENTROU NA INDÚSTRIA DA MÍDIA E FEZ UM JORNAL QUE CONTAVA UMA OUTRA HISTÓRIA. E FEZ MUITO SUCESSO

tista. Aí a *Última Hora* chega para contar uma outra história. Então, o que acontece? O Samuel, ele é que vira o intruso. Ele era um outsider. Ele é o judeu pobre e o que que ele fez? Exatamente o que todo mundo fazia: empréstimo em banco público sem garantia, troca de favores das relações com empresários etc. Essa troca de favores era o que sempre acontece, mas quando é ele quem faz e ainda por cima cria um jornal que incomoda e que vende muito, ele vira a Geni. Vira uma coisa – todos

contra Samuel. O jornal, quando começa a fazer sucesso, começa a incomodar. E aí cria se uma guerra midiática que é o começo da crise que vai levar o Getúlio ao suicídio. O Carlos Lacerda que é o cara que assume ali o trombone via a *Tribuna da Imprensa*, disse em vários momentos que miraram o Samuel para acertar no Getúlio. E isso se repete porque a imprensa... A imprensa são pessoas. E quem são essas pessoas? De onde elas vêm? Qual é o olhar delas? Qual é? O Samuel, ele falava uma coisa que eu acho muito interessante. Ele falava que na Europa e dos anos 50, nos Estados Unidos dos anos 50, o jornalismo estava muito ligado a partidos: o *New York Times* representava a posição do Partido Democrata, outro representava o Partido Republicano... E no Brasil, não. O jornal era o que os seus donos queriam que eles fossem. E esses donos são quem, a quem estão ligados? A partidos conservadores e partidos liberais, mas sem dizê-lo. Essa confusão prevalece na imprensa até hoje. Se você olhar o sobrenome, são os mesmos dos anos 50. Alguns ficaram pelo caminho com a ditadura, mas prevalece esse espírito de corpo.

– Que disfarça uma defesa de classe...

– Sim, e o Samuel chega olhando isso de fora. Nos anos 50, ele escancarava que ia contar uma outra história e isso faz o jornal vender muito. Teve épocas que a *Última Hora* no Rio vendia mais que *O Globo*. Quando o jornal chegou a São Paulo, dominou rapidamente o mercado porque era um jornal trabalhista numa cidade de trabalhadores, fez muito sucesso em São Paulo. A gente pode, por exemplo, comparar com o que aconteceu com o impeachment da Dilma ou à época da prisão do Lula. A imprensa contava uma história, mas tinha

livros, blogs na internet contando outra história. A diferença é que o Samuel estava dentro da grande imprensa. Na época ele não era um blog, ele não era um jornal alternativo, ele tinha um veículo da grande imprensa fazendo frente. E isso incomodou muito.

– Fora que a Última Hora era um jornal muito moderno em termos de linguagem, não?

– Sim. A imprensa tinha passado 15 anos no Estado Novo, com censura e o DIP... Quando chegaram os anos 1950, os jornais eram muito velhos. As matérias começavam na capa e continuavam dentro, era uma confusão danada. Não existia diagramação, não existia fotografia... Para você ter uma ideia, o *Correio da Manhã*, que era o principal jornal, trazia o noticiário internacional traduzidos das agências na capa. O noticiário nacional vinha na página 12... Como o Samuel tinha morado na Europa e tinha trabalhado em jornais super modernos, quando ele volta para o Brasil, faz uma revolução formal. A *Última Hora* inaugura o fotojornalismo no Brasil. Foi o primeiro jornal, por exemplo, a publicar uma foto de time de futebol na capa, a trazer noticiário de polícia para a capa... Investiu muito em equipe, tinha o Nássara como chargista, textos curtos, crônicas. Tinha uma turma de cronistas muito, muito fortes: Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Otto Lara... A imprensa mudou muito a partir da *Última Hora*. O *Globo*, por exemplo, copiou muito a *Última Hora*. Neste momento sabe tudo, tudo, tudo muda, todo mundo tem que se mexer. Por exemplo, tiveram que pagar jornalista... Ele tirava as pessoas das outras redações pagando o dobro, o triplo... O Otto Lara Resende conta essa história, que ele saiu de *O Globo* por que o Samuel ofereceu cinco vezes o salário dele. Ele contrata toda a

família do Nelson Rodrigues... Ele montou um timaço para enfrentar o antigetulismo da imprensa. Só que acabou, como a gente sabe né? O Getúlio perde a parada, ele perde ou ganha a parada dependendo de como se olha ele. O Getúlio, ao se matar, adia o golpe de 1964 por dez anos. Samuel e a *Última Hora* atravessam bem o governo JK e o governo Jango. Aí quando vem a ditadura, ele vai preso e perde tudo. Literalmente, tudo. E aí o Cláudio Abramo um dia bate na porta dele em 1977 e

**PARA RECUPERAR
A CREDIBILIDADE,
A IMPRENSA TINHA
QUE SER MAIS
CLARA. ASSUMIR
SUA LINHA
EDITORIAL E
DEIXAR ISSO
CLARO PRO LEITOR**

ele vira um colunista da página 2 da *Folha de S.Paulo*. Só assim, ele recupera o prestígio intelectual. E aí ele se torna um jornalista, vive o dia a dia da *Folha*.

– A internet realmente, de certa forma, libertou a publicação do papel e da distribuição física. Mas aí também abriu uma 'Caixa de Pandora' de outras monstruosidades: mentira, boataria, fake news... Como resguardar o papel essencial da imprensa para a democracia

nesse cenário de deterioração?

– Eu acho duas coisas: tem que voltar a investir em reportagem e em reportagem de verdade, investigativa, que custa dinheiro. Os jornais estão muito sucateados, não tem mais braço... Só restou um jornalismo de opinião, o colunismo, o jornalismo declaratório. Acho que para a imprensa se firmar como algo que é relevante, que tem o seu papel, tem de voltar a investir em reportar, recuperar a grande reportagem.

Outra coisa questionar essa ilusão de imparcialidade e assumir um lado. Eu achei que é voltando aquela história que eu falei da *Última Hora*, ser um jornal muito claro, que assumia sua postura. Hoje, os jornais se dizem independentes. Vamos desmontar essa notícia: de que lado estão essas pessoas que financiam os jornais? Porque se não se conta para o leitor exatamente que agenda política e econômica os jornais ou seus financiadores defendem, que aqui aquela cobertura é feita com o olhar X ou Y, o leitor desconfia.

Para recuperar a credibilidade e confiança, eu acho que a imprensa tinha que ser mais clara. Assumir sua linha editorial e deixar isso claro pro leitor. Paralelamente a isso, acho muito importante investir em reportagem e dosar opinião. Ninguém mais acredita em nada que lê. E é uma pena, porque, bem ou mal, a gente cresce lendo jornal. Eu acordo de manhã e quero ler jornal. Só que ultimamente eu não consigo ler. Uma coisa que meu pai falava também é que eu acho muito boa, muito boa, porque conta que ele falava com os filhos dele e os filhos dele, com aquilo que eles falaram. "Assim vocês dão um jeito de fazer a coisa de vocês". Aquele jornal não era o certo que a gente sempre falava isso porque se você pensar pode ser tudo contra o Roberto Marinho, mas não era Marinho. •

CAPA

Susana Vera

RACISMO NO FUTEBOL



A hostilidade de torcedores espanhóis contra o craque brasileiro Vinícius Júnior, do Real Madrid, expõe a chaga que machuca o século 21 e torna o futebol o palco crescente de agressões raciais. A reação do governo e das autoridades brasileiras levam a Espanha a abrir uma investigação e a dar um basta nas hostilidades por causa da cor da pele. “Isso não é justo”, diz Lula, durante visita a Hiroshima, no Japão

Guto Alves

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. Nove. A contagem numerosa incomoda. É o número de vezes que o jogador Vinícius Júnior, de 22 anos, sofreu com ataques racistas em campo na Espanha. O último caso ocorreu no domingo, 21, quando o jogador do Real Madrid foi chamado de “macaco” por torcida rival, do Valencia.

Os vídeos que mostram as agressões foram gravados da arquibancada do estádio Mestalla, casa dos agressores racistas. O caso extremo gerou a imediata reação do jogador, que chamou o árbitro, reclamou e apontou para arquibancada, registrando a situação, pedindo que fosse interrompida a partida. Durante confusão em campo do mesmo jogo, Vinicius Jr. foi o único a ganhar um cartão vermelho.

Logo após a partida, o jogador declarou em suas redes sociais: “Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na La Liga. A competição acha normal, a federação também e os adversários incentivam. Lamento muito. O campeonato que já foi de Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano e Messi hoje é dos racistas”.

E lamenta que isso ocorra na Espanha: “Uma nação linda, que me acolheu e que amo, mas que aceitou exportar a imagem para o

mundo de um país racista. Lamento pelos espanhóis que não concordam, mas hoje, no Brasil, a Espanha é conhecida como um país de racistas. E, infelizmente, por tudo o que acontece a cada semana, não tenho como defender. Eu concordo. Mas eu sou forte e vou até o fim contra os racistas. Mesmo que longe daqui”.

Imediatamente, o caso ganhou repercussão internacional e iniciou-se um movimento em defesa do craque brasileiro. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que abriu coletiva durante a Cúpula do G7, no Japão, cobrando providências, mostrou-se sensibilizado. “É um gesto de solidariedade a um joga-

dor brasileiro, jovem, negro, que joga no Real Madrid”, comentou.

“Não é justo que o menino pobre que venceu na vida, que está se transformando possivelmente num dos melhores jogadores do mundo – certamente do Real Madrid ele é o melhor – seja ofendido em cada estádio que ele comparece”, disse Lula. E finalizou: “É importante que a Fifa, a liga espanhola e de outros países tomem sérias providências. Não é possível que, quase no meio do século 21, a gente tenha o preconceito racial ganhando força em vários estádios aqui na Europa”.

Não é de hoje que o jogador brasileiro Vini Jr. sofre com ataques racistas em estádios espanhóis. Desde a chegada do técnico italiano Carlo Ancelotti ao comando do Real Madrid, o jogador brasileiro ocupa uma posição de destaque. Desde então, há dois anos e sete meses, o protagonismo no time espanhol fez com que o racismo passasse a fazer parte da vida do jogador também em campo.

Não há coincidência entre o surgimento e a constância de ataques racistas por parte de torcedores da sociedade espanhola e a ascensão do jogador negro brasileiro em solo europeu. Desta vez, o jogador se cansou e resolver dar um basta, e resolveu incendiar o debate, chamando atenção a uma situação que parecia invisível à Fifa e à Liga Espanhola de Futebol (La Liga).

No último jogo, o estopim para a comoção de agora, Vini denun-

**VINÍCIUS JÚNIOR
FOI VÍTIMA DE
RACISMO NOVE
VEZES COM
ATAQUES NA
ESPANHA, ATITUDE
QUE VEM SENDO
NORMALIZADA
PELA LA LIGA**

ciou a Liga Espanhola, disse que para ela o “racismo era normal”, enumerando os casos que sofreu ataques racistas (veja quadro). Disse também que a Espanha, um país que o acolheu e que ama, aceitou exportar ao mundo a imagem de racista.

O presidente da La Liga, Javier Tebas, rebateu o jogador e disse que ele não deveria se deixar ser manipulado. O dirigente insinuou que o atacante do Real Madrid exagera nas acusações de negligência da liga em casos semelhantes. Mais tarde, o mesmo Tebas pediu desculpas a Vini e reconheceu o racismo sistêmico contra ele nos jogos. “Hashtag não me comove”, respondeu o jogador, que afirmou que a omissão do cartola o iguala aos racistas. Tebas está no comando da La Liga desde 2013 e tem relações políticas com a extrema-direita espanhola. Nos anos 1980, ele foi militante do partido Fuerza Nueva, legenda identificada com aquela fundada em 1976 e que compartilhava ideias autoritárias de Francisco Franco e do franquismo.

Já o técnico do Real Madrid, Marco Ancelotti, que aposta no talento de Vini em campo, saiu em defesa do brasileiro. Com palavras duras, disse que há algo de errado com o Campeonato Espanhol e afirmou que chegou a pensar em retirar o craque de campo para que não sofresse os ataques, o que beiraria o absurdo. “Não há perdão para insultos racistas. A situação é grave, mas acredito que nada vai acontecer”, declarou.

Muito se especula sobre a saída de Vini depois de mais um caso de racismo e a falta de ações concretas para combater esse crime pela liga. Ancelotti, porém, garantiu que o brasileiro quer ficar. “Eu acho que não (quer sair). Vinicius ama o futebol e ama o Real Madrid acima de tudo. Acho que não é o pensamento dele neste momento. O amor pelo Real Madrid é muito



Ricardo Stuckert

SOLIDÁRIO Presidente Lula cobrou providências e se mostrou sensibiliado com as ofensas que o jogador brasileiro vem sofrendo em campos espanhóis

grande, então quer fazer sua carreira e ter seu protagonismo aqui”, disse o técnico. Ele se recusou a responder perguntas sobre a partida diante de tamanho escândalo.

O caso acabou virando imbróglio diplomático, relatou o jornalista Jamil Chade, do UOL. O

O GOVERNO TOMOU UMA ATITUDE DE REPÚDIO DIPLOMÁTICO AO ENTRAR EM CONTATO COM A EMBAIXADA DA ESPANHA

governo Lula tomou uma atitude de repúdio diplomático ao entrar em contato com a Embaixada da Espanha no Brasil para transmitir o posicionamento do governo brasileiro. Chefe da divisão de Europa e América do Norte do Ministério das Relações Exteriores, a embaixadora Maria Luisa Escorel ligou para a embaixadora espanhola Mar Fernández-Palacios, que não está no Brasil, para declarar a posição brasileira de repúdio ao que está acontecendo na Espanha e pedir que os casos não fiquem impunes.

O gesto representa um ato de desagravo ao governo espanhol, cobrando respostas a um problema que é institucional e não apenas um caso isolado. Seguindo a fala de Lula, o governo brasileiro também anunciou que irá conclamar a Fifa a entrar no combate contra o racismo.

“O governo brasileiro lamenta profundamente que, até o momento, não tenham sido tomadas providências efetivas para prevenir e evitar a repetição desses atos de racismo. Insta as autoridades governamentais e esportivas da



Reprodução

APELO O alto comissário das Nações Unidas, Volker Turk, pediu união para enfrentar, combater e prevenir o racismo em entrevista coletiva em Genebra

Espanha a tomarem as providências necessárias, a fim de punir os perpetradores e evitar a recorrência desses atos. Apela, igualmente, à Fifa, à Federação Espanhola e à Liga a aplicar as medidas cabíveis”, diz nota do Palácio do Planalto divulgada à imprensa.

A ONU também condenou o ocorrido. “Fazemos um apelo a todos estes eventos esportivos do mundo para enfrentar, combater e prevenir o racismo”, declarou o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Volker Turk. Em entrevista coletiva em Genebra, ele destacou que o novo incidente é um “lembrete brutal da prevalência do racismo no esporte”.

O presidente da Espanha, Pedro Sánchez, também se manifestou em repúdio por meio de suas redes sociais, compartilhando um documento do Conselho Superior de Esportes da Espanha, mas que não cita nominalmente Vinícius Jr. “Tolerância zero com o racismo no futebol. O esporte se fundamenta nos valores da tolerância e respeito. O ódio e a xenofobia não cabem no nosso futebol e nem na

nossa sociedade”, disse.

Apesar de não reconhecer a ineficiência até aqui, a entidade do governo da Espanha notificará a Real Federação Espanhola de Futebol, os capitães dos times e responsáveis pela liga. O documento alega que os insultos pro-

O PRESIDENTE DA LA LIGA MINIMIZOU OS PROTESTOS DE VINI JR. TEBAS JÁ FOI MILITANTE DE LEGENDA IDENTIFICADA COM A EXTREMADIREITA

cedem de uma minoria de exaltados que ‘confundem a paixão com o ódio’ e que não devem voltar a pisar num campo de futebol.

Os ministérios da Igualdade Racial, no Brasil, e da Igualdade, na Espanha, publicaram nota conjunta sobre o caso, na terça-feira, 23. Com parágrafos em português e espanhol, o comunicado é assinado pelas ministras Anielle Franco, do Brasil, e Irene Montero, da Espanha. Ambas declaram “solidariedade incondicional a Vini Jr., o jogador agredido, bem como a todos os atletas, profissionais ou não, que vivenciam diariamente a violência racista no esporte”.

E aponta: “O esporte deve ser um reflexo dos valores de igualdade, respeito e diversidade que norteiam nossas sociedades e nele não há lugar para quem propaga mensagens de ódio, racismo, perseguição e intolerância”. O texto cita medidas anunciadas pelos governos dos dois países para enfrentar o tema. Na Espanha, a “futura Lei do Racismo”, proposta pelo Ministério da Igualdade ainda não foi implementada. No Brasil, a elaboração de um “programa nacional de combate ao racismo no esporte” pelos ministérios de Igualdade Racial, Esporte e Justiça.

Além de Anielle, o ministro da Justiça, Flávio Dino, anunciou ações. Em coletiva, disse estudar “remédio extremo” e que pretende usar o princípio da “extraterritorialidade” previsto no Código Penal para aplicar lei brasileira mesmo no exterior em caso como o de Vinícius Jr. “O Código Penal prevê que, em algumas situações excepcionais, é possível que, no caso de crimes contra brasileiros, mesmo no exterior, haja aplicação da lei brasileira”, explicou.

Dino disse que medida será necessária em caso de omissão das autoridades da Espanha, embora ele não acredite que isso ocorra. “É uma espécie de última alternati-

va que poderá ser usada, mas nós, neste momento, acreditamos que os canais diplomáticos vão cumprir seus papéis e que as autoridades espanholas, sejam judiciais ou do futebol, tomarão as providências cabíveis”, comentou.

Após declaração de Lula, houve uma manifestação de patrocinadores do jogador. A Puma e o banco Santander cobraram posicionamento. E o Real Madrid se pronunciou após 24 horas de silêncio. O presidente do clube, Florentino Pérez, soltou nota, agradecendo a Lula “que pediu que sejam tomadas medidas sérias para combater este problema e cuja vítima é, como disse, ‘um jovem que venceu na vida e que está se tornando um dos melhores jogadores de futebol do mundo’”.

No documento, o clube também condena posturas do presidente da Federação Espanhola, Luis Rubiales. O foco principal do clube foi a equipe de arbitragem, que expulsou Vinícius em lance

posterior ao momento em que a partida foi paralisada pelos gritos racistas, já nos acréscimos.

Na ocasião, jogadores das duas equipes se envolveram em confusão e o brasileiro atingiu Hugo Duro com o braço. O VAR orientou a revisão do cartão amarelo inicialmente aplicado ao jogador e o juiz da partida aplicou o vermelho. Não custa lembrar que, até hoje, diversas denúncias apresentadas em episódios semelhantes ao Ministério Público espanhol foram arquivadas. Na última década, a liga espanhola foi palco de outros casos de racismo, inclusive envolvendo atletas brasileiros, como Daniel Alves, que em 2014, atuando pelo Barcelona, foi atingido por uma banana no confronto contra o Villarreal.

O Valencia, time que o Real Madrid enfrentava no domingo, chamou o episódio de “caso isolado”, embora esta seja a nona onda de ataques em campo que Vinicius Jr. sofreu em solo espanhol. “Não há

lugar para insultos deste tipo no futebol”, disse o time. A nota também reitera que os fatos estão sendo investigados pelo clube.

Em mais este caso isolado, não apenas um grupo, como afirmam entidades oficiais e os clubes, mas um estádio inteiro, como enfatizou o técnico Ancelotti, fez ofensas racistas em coro ao jogador brasileiro. “Isto não pode ocorrer, um estádio inteiro gritando algo assim. Ele não queria continuar e eu acharia justo, porque é a vítima. Isto não pode acontecer”, opinou o técnico.

O caso é tão grave que, enquanto se desenrolava mais um escândalo racista envolvendo o craque brasileiro, veio à tona desdobramentos de outro caso envolvendo o jogador e ataques racistas. Na quinta-feira, 25, quatro torcedores detidos dois dias antes, por terem pendurado em uma ponte um boneco enforcado com a camisa do atacante, foram soltos após detenção de duas noites.

A punição foi a proibição de

OS REITERADOS ATAQUES RACISTAS NO CAMPO AO CRAQUE BRASILEIRO

24 de outubro de 2021

Vinicius Júnior é insultado por torcedores do Barcelona após sair de campo. O caso é arquivado.

14 de março de 2022

Torcedores do Mallorca insultam o brasileiro, com imagens de câmeras de TV mostrando pessoas dizendo para Vinicius Júnior “pegar bananas”. O caso é arquivado.

30 de dezembro de 2022

Torcedores do Valladolid, time que pertence a Ronaldo, ofendem Vinicius Júnior. Os infratores identificados são multados em 4 mil euros (R\$ 21,4 mil na cotação atual) e impedidos de frequentar estádios por um ano, punição aplicada pela Comissão Estatal contra a Violência, o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância no Esporte da Espanha.

26 de janeiro de 2023

Torcedores do Atlético de Madrid penduram um boneco de Vinicius Júnior em uma ponte na capital espanhola, no dia do duelo contra o Real Madrid pela Copa do Rei. Nenhuma punição foi aplicada.

5 de fevereiro de 2023

Um torcedor do Mallorca chama Vini “macaco”. O criminoso é identificado, multado em 4 mil euros (R\$ 21,4 mil) e impedido de frequentar estádios por um ano.

18 de fevereiro de 2023

Torcedores do Osasuna xingam Vini. O episódio não é denunciado, mas o goleiro Courtois denuncia ouvidas ofensas direcionadas ao brasileiro, incluindo cantos de “morra Vinicius”.

5 de março de 2023

Torcedores do Betis chamam o craque brasileiro de “macaco”. Uma denúncia é apresentada no tribunal investigativo de Sevilha após imagens de câmeras de TV auxiliarem na identificação dos autores dos insultos. A denúncia apresentada por La Liga ao Ministério Público é arquivada.

19 de março de 2023

Vini é alvo de gritos de “macaco” e “morra” vindos de torcedores do Barcelona. A denúncia apresentada por La Liga ao Ministério Público é arquivada.

21 de maio de 2023

Torcedores do Valencia gritam “macaco” quando Vini estava perto da lateral. O árbitro paralisa a partida, Vini discute com os torcedores e acaba expulso.

se aproximar a menos de um quilômetro de qualquer estádio de futebol, segundo a justiça espanhola. Mas não houve nenhuma imputação criminal. O boneco com o uniforme de Vinícius Jr, foi pendurado em uma ponte em 26 de janeiro, dia de uma partida entre Real Madrid e Atlético de Madrid pelas quartas de final da Copa do Rei. Ao lado do boneco estava uma faixa com a frase "Madrid odeia o Real".

O caso de agora ganhou repercussão da imprensa internacional, com críticas e apoios ao jogador vítima de racismo. Para o jornal *SuperDeporte*, de Valencia, a melhor escolha editorial foi uma foto de Vinícius Jr. na capa com manchete que ignora o racismo sofrido em campo e ainda aproveitou para repudiar "atitudes do brasileiro".

O jornal também criticou as falas do técnico Ancelotti, que se posicionou em favor de Vinicius. O mesmo aconteceu no argentino Olé, que preferiu criticar o jogador. "Vinicius foi muito mal: expulsão a mando do VAR por atacar um rival e provocou a torcida", destacou o veículo. O *ZDFheute*, portal alemão, destacou que o jogo foi "ofuscado por novos insultos racistas contra Vinícius Junior". O britânico *The Guardian* reproduziu a denúncia do jogador: "Racismo é normal em La Liga". No Brasil, a imprensa manifestou apoio massivo ao brasileiro.

Após toda a comoção, Vinícius Junior foi homenageado em jogo. Ele não jogou, mas esteve em campo para ser saudado pela torcida do Real Madrid antes do jogo contra o Rayo Vallecano, na quarta-feira, 24. Antes da partida, todos os jogadores entraram em campo com a camisa 20, que Vini Jr. usa. Também aos exatos 20 minutos de jogo, os jogadores e a torcida do Real o aplaudiram.

Antes do jogo, a torcida expôs uma faixa com a mensagem "Somos todos Vinicius. Já basta". Junto aos jogadores, a arbitragem se uniu aos donos da casa e seguraram cartaz com os dizeres "racistas fora do futebol". A faixa é da La Liga, criticada por omissão em quase três anos de ataques. Vini foi ao estádio, assistiu as homenagens, mas não jogou. Apesar do apoio, uma imagem do craque foi vandalizada no Santiago Bernabéu, estádio do Real Madrid. No entanto, a foto de Benzema, ao lado do jogador brasileiro, não foi rasgada. Marcação cerrada. •

mentar o caso. O senador falou durante uma sessão de trabalho da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado na terça-feira, 23, para criticar a mídia nacional e atacar o que chamou de "revitimização" do jogador. "Cadê os defensores da causa animal que não defendem o macaco?", debochou. A declaração deixou em polvorosa as redes sociais, alimentando a "polêmica do dia" para agitar a malta de bolsonaristas, sempre esperando o apito "do contra". O mau gosto pode sair caro: Magno Malta agora é alvo de pedido de cassação do mandato protocolado pelo PSOL por quebra de decoro. Ele ainda foi denunciado ao STF pelo líder do PT no Senado, Fabiano Contarato (ES), pelo crime de injúria racial. "Como pai de duas crianças negras, não posso ignorar o que testemunhei hoje no Senado", criticou o parlamentar. "Por isso, acionei o Supremo Tribunal Federal para que instaurasse inquérito policial para averiguar falas racistas do senador". •

E O RACISMO NO SENADO DO BRASIL?

O ataque a Vinícius Júnior mobilizou a mídia brasileira e, claro, o parlamento brasileiro. Atendendo a dez requerimentos de parlamentares do PT, PSOL, PP, MDB, União Brasil e PL, a Câmara dos Deputados aprovou por unanimidade uma moção de repúdio aos episódios de racismo sofrido pelo jogador na Espanha.

"A intenção da Mesa Diretora é reunir todos para que eles tenham, unisonamente, a sua aprovação em conjunto para prestigiar todos os partidos e parlamentares que entendam a defesa universal contra o racismo no mundo", disse o presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL).

Entre as moções aprovadas estão o repúdio à La Liga e ao presidente da liga espanhola de futebol, Javier Tebas Medrano; também aos torcedores do Valencia e aos ataques. Também foram aprovadas moções de aplauso e



Edilson Rodrigues/Senado

FALA ESCANDALOSA Magno Malta deixou as redes sociais em polvorosa com postura debochada que apenas reforçou a própria atitude racista

de solidariedade ao craque.

Mas, se por um lado foi assim, por outro lado, o racismo se materializou na fala absolutamente escandalosa de um personagem menor da política nacional. Também no Congresso, o senador Magno Malta (PL-ES) protagonizou uma cena grotesca e racista ao co-



Eraldo Peres/AP

O CERCO AO GOLPISTAS

Enfim, Congresso dá início à CPI dos Ataques à Democracia, que vai investigar os responsáveis e financiadores da tentativa de golpe em janeiro. E a PF apura o envolvimento direto do deputado bolsonarista que pediu a abertura da investigação

Os golpistas estão em pânico. Enfim, cinco meses depois dos ataques às sedes dos poderes da República em 8 de Janeiro de 2023, o Congresso dá início a uma comissão parlamentar de inquérito, formada por senadores e deputados, para apurar quem financiou a tentativa de golpe e os responsáveis diretos dentro do bolsonarismo por empregar a democracia.

Desde quinta-feira, 25, a CPI sobre o atentado à democracia realizado pela extrema direita está em funcionamento. A oposição tentou, mas ficou sem o comando dos trabalhos, ainda que tenha emplacado como vice-presidente o senador Magno Malta (PL-ES). A mesa será presi-

dida pelo deputado Arthur Maia (União-BA), tendo como 1º vice o senador Cid Gomes (PDT-CE) e na relatoria a senadora Eliziane Gama (PSD-MA).

Ironicamente, a instalação da CPI ocorre na semana em que a Polícia Federal concluiu que o autor do pedido de instalação das investigação parlamentar, o deputado André Fernandes (PL-CE), e um dos principais porta-vozes do bolsonarismo, incitou pessoalmente os atos antidemocráticos de 8 de janeiro.

A PF detectou indícios de crime cometido pelo parlamentar. O deputado é investigado a pedido da Procuradoria Geral da República (PGR) a partir de postagens feitas nas redes sociais. Em 6 de janeiro, Fernandes divulgou “ato contra

governo Lula” na Praça dos Três Poderes, em Brasília, naquele fim de semana.

E, pior, em 8 de janeiro, logo depois que os atos haviam começado, Fernandes publicou no Instagram a imagem da porta de um armário com o nome do ministro Alexandre de Moraes, do STF, na qual inseriu a seguinte legenda: ‘Quem rir, vai preso’. Ao pedir a abertura do inquérito, a PGR viu incitação ao crime, além de uma provocação da prática de abolição violenta do Estado Democrático de Direito.

“A CPI não é importante para o governo, ela é importante para a democracia”, diz a presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR). Ela destacou o envolvimento direto do ex-presi-

dente Jair Bolsonaro (PL) e de aliados na tentativa do golpe.

“Tem que ficar claro tudo o que aconteceu e os responsáveis por isso. E para chegar aos responsáveis tem que ter investigação”, defende a petista. “E, obviamente, Bolsonaro está no centro desses acontecimentos. Foi a grande liderança que incentivou, que estimulou os atos golpistas do dia 8”.

Ela lembra que o ensaio do golpe ocorreu ao longo do último ano. “Se nós pegarmos desde o que aconteceu depois da eleição de outubro e as tentativas de colocar sobre questionamento o resultado eleitoral, a ida dele para os Estados Unidos, o entorno dele falando sobre isso, a questão da ocupação na frente dos quartéis, os atentados que tiveram em Brasília. Você lembra disso, bomba no aeroporto?”, disse.

Ela diz que a CPI terá um papel central na apuração sobre os responsáveis e financiadores da tentativa de golpe de Estado. “É óbvio que pra saber o que aconteceu a CPI, no meu entender, tem que fazer o pedido de investigação sobre todas essas pessoas”, pontuou a presidenta do PT.

A CPI conta com 32 deputados e 32 senadores, sendo metade de titulares e a outra metade formada por suplentes. O PT tem como integrantes os deputados Rogério Correia (MG), Rubens Pereira Júnior (MA), Carlos Veras (PE) e Adriana Accorsi (GO), além dos senadores Fabiano Contarato (ES), Rogério Carvalho (SE) e Augusta Brito (CE).

Como já era de se esperar, parlamentares bolsonaristas tentaram minimizar o que ocorreu em 8 de janeiro e, ainda por cima, colocar a culpa no governo Lula. Mas a mentira não cola. “Logo na primeira reunião, fica claro que há duas teses. Uma é a de que havia uma movimentação pacífica e política criticando o governo Lula. Mas a realidade derruba essa tese por-

que o que houve, de fato, foi uma tentativa de golpe de Estado”, diz Rubens Júnior. “O desafio desta comissão é fazer a defesa da democracia, a defesa das instituições, do Estado Democrático de Direito”.

“Por fim, nunca é demais lembrar: o governo é vítima dessa tentativa de golpe”, prosseguiu o deputado. “E não apenas o governo, mas também Câmara dos Deputados, Senado Federal, Supremo Tribunal Federal e a democracia. E o resultado final desta investigação deve ser: mexer com a democracia é crime. Nós não abrimos mão da defesa incontestada, permanente, perene da democracia no país.”

O deputado federal Rogério Correia (PT-MG) também lembrou que o papel da CPMI deve ser o de defesa da democracia. “O final deste trabalho não pode ser passar a mão na cabeça daqueles que fizeram a tentativa de golpe e de abolir a democracia no Brasil”, disse. Ele ressaltou que a intenção antidemocrática da extrema-direita fica cada dia mais evidente, como mostra a troca de mensagens em que Ailton Barros e dois assessores de Jair Bolsonaro – Mauro Cid e Élcio Franco – planejavam um golpe de Estado após o resultado das eleições.

“Algo fundamental de ser olhado aqui é quem foram os autores intelectuais, quem foram os mandantes disso. Esse principal autor intelectual é como no caso do porco: se tem rabo de porco, pé de porco, barriga de porco e focinho de porco, ou é porco ou é feijoada. No caso do golpe, tinha um interessado: ou é Jair ou é Bolsonaro”, afirmou Rogério Correia.

“É claro, foi um processo golpista, não foi uma Festa da Selma”, prosseguiu Correia, referindo-se a um dos códigos usados em grupos do Telegram para convocar pessoas para os ataques. “E isso vai ficar comprovado. Temos de saber quem foi o mandante”. •

A SOCIEDADE SUSPEITA

Uma nova frente de investigação está para ser aberta nos próximos dias pela Polícia Federal em torno dos negócios de um dos filhos do presidente Jair Bolsonaro. Na sexta-feira, 26, o UOL revelou que, no período em que o ex-presidente morou nos Estados Unidos, o filho Eduardo Bolsonaro abriu uma empresa no estado do Texas em sociedade com outros brasileiros ligados à disseminação de fake news no Brasil. Todos apoiaram os atos golpistas de 8 de janeiro.

Eduardo abriu a Braz Global Holding LLC, em 18 de março deste ano, em sociedade com o influenciador Paulo Generoso – conhecido por compartilhar notícias falsas e por ter apoiado os atos golpistas – e com o ex-secretário nacional de Fomento e Incentivo à Cultura no governo Bolsonaro, André Porciúncula. A firma foi registrada por Generoso no endereço de sua casa, em Arlington.

A revelação é da repórter Juliana Dal Piva, em investigação feita em aliança com a Agência Pública e o Centro Latinoamericano de Investigação Jornalística nos últimos cinco meses.

Os documentos obtidos junto ao governo do Texas mostram a criação da Braz Global Holding, mas neles não há informações sobre qual é o ramo do negócio. No mesmo local, Generoso registrou outras duas empresas: a Liber Group Brasil, em 13 de janeiro, e o Instituto Liberdade, em 8 de fevereiro. Nessas, Eduardo não consta oficialmente como responsável. •



AMEAÇA As ministras Marina Silva (Meio Ambiente) e Sônia Guajajara (Povos Indígenas) tiveram as pastas esvaziadas em manobra idealizada pela bancada ruralista. Governo diz que vai lutar para retomar os instrumentos retirados

CENTRÃO TENTA ESVAZIAR MMA

Plano para diluir drasticamente os poderes dos órgãos que tratam da agenda ambiental e indígena seria um duro golpe para Lula. O presidente reage e afirma que vai trabalhar para manter ministérios dos povos indígenas e do meio ambiente a salvo

Ativistas brasileiros expressaram indignação depois que o Congresso decidiu diluir drasticamente os poderes dos ministérios do Meio Ambiente e dos Povos Indígenas. O movimento de esvaziamento dos órgãos foi capitaneado pelo Centrão e as bancadas ruralista e bolsonarista. Ativistas apontaram a manobra como um golpe para incapacitar o Estado de proteger as comunidades indígenas e a Amazônia.

Relatório do deputado Isنالdo Bulhões Jr. (MDB-AL) sobre a MP 1154, que estrutura órgãos do Executivo, esvazia os dois órgãos centrais para a política indigenista e ambiental do país. A proposta retira do MMA as competências sobre o Cadastro Ambiental Rural (CAR), a Agência Nacional de Águas (ANA) e a gestão de resíduos sólidos e saneamento, além de remover do recém-criado Ministério dos Povos Indígenas duas das suas atribuições principais: a demarcação de terras indígenas e a ad-

ministração da Funai, que voltariam para o Ministério da Justiça.

As esperanças de que o Brasil pudesse virar a página na era de devastação da Amazônia de Jair Bolsonaro aumentaram depois que o líder de extrema direita perdeu a eleição presidencial para o Luiz Inácio Lula da Silva. Durante a campanha, Lula prometeu acabar com o crime ambiental e defender os índios. Após assumir o poder em janeiro, colocou a ambientalista Marina Silva como responsável pelos assuntos ambientais e nomeou a

ativista indígena Sônia Guajajara como chefe do ministério para os povos originários, criado especialmente por Lula

Na quarta-feira, 24, deputados conservadores da bancada ruralista se moveram para enfraquecer severamente os dois ministérios. Por 15 votos a 3, o relatório de Bulhões foi aprovado, retirando o controle do CAR, ferramenta na luta contra o desmatamento ilegal e a grilagem de terras, e dos recursos hídricos.

Marina Silva e Sônia Guajajara denunciaram as medidas, em meio à raiva. Na sexta-feira, 26, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o governo vai trabalhar no Congresso para reverter esvaziamento de ministérios. “Eles estão roubando o ministério do meio ambiente”, criticou Marina Silva. “O povo brasileiro elegeu o presidente Lula, mas parece que o Congresso quer uma repetição do governo Bolsonaro”. Ela disse que as medidas prejudicam as reivindicações internacionais do Brasil.

O ministro da Casa Civil, Rui Costa, afirmou que o governo vai atuar junto ao Congresso para que o desenho do governo feito no começo do ano retorne ao “conceito original”. “Vamos trabalhar no Congresso para a essência das políticas públicas permaneça como na origem”, disse. “O presidente chamou para que a gente fizesse uma avaliação da votação na comissão da MP da estrutura e, feita a avaliação, a gente precisa reafirmar a prerro-

gativa de quem ganhou a eleição e de quem ganhou a implementação de um projeto político”.

Sobre a retirada do cadastro, o chefe da Casa Civil disse que há um entendimento equivocado de que a alocação do cadastro modificaria o acesso a esse cadastro. “Primeiro, o cadastro não é feito pelo ministério nem pelo governo federal. O cadastro é uma auto declaração dos proprietários rurais, feito nos estados e municípios. O preenchimento do cadastro não é feito e não pode ser alterado por qualquer ministério. Então, é uma disputa inócua”, apontou Rui Costa.

Sobre a transferência da demarcação de terras indígenas para a Justiça, o ministro afirmou que a mudança pode ser revertida. “Todo o trâmite, desde a origem da demarcação de terras indígenas, permanece no Ministério dos Povos Indígenas”, explicou. “O que foi modificado pelo relator foi a última fase do processo, que é a homologação. E mesmo isso nós vamos conversar

nas outras instâncias”.

Além disso, o presidente Lula anunciou também na sexta-feira, que as Nações Unidas escolheram seu país para sediar a conferência da ONU sobre mudanças climáticas em 2025, embora o órgão mundial ainda não tenha confirmado publicamente a decisão. o Brasil realizará a conferência, conhecida como COP 30, em Belém, no no coração da floresta tropical brasileira. •

MARINA SILVA REAGIU AO Esvaziamento da pasta: “O povo elegeu Lula, mas parece que o Congresso quer repetir Bolsonaro”

PETROBRÁS QUER EXPLORAR A FOZ DO AMAZONAS

A Petrobrás recorreu, na quinta-feira, 25, ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para que refaça a análise da licença ambiental para exploração de petróleo na bacia da Foz do Amazonas. A estatal quer que o órgão ambiental reconsidere o indeferimento da licença. A empresa petrolífera precisa da autorização ambiental do Ibama para iniciar a perfuração do poço exploratório do bloco FZA-M-059, localizado em águas profundas, a 175 quilômetros da costa do Amapá.

A exploração é uma fase do empreendimento em que a petrolífera avalia o potencial comercial do bloco, verificando se a jazida realmente existe e qual o perfil do óleo e gás existentes ali. Só então a empresa decide se começa a produzir ou não petróleo naquela área.

No pedido de concessão da licença ambiental, a Petrobrás se compromete a garantir 12 embarcações, sendo duas delas a serem mantidas de prontidão ao lado da sonda para fazer o recolhimento imediato do óleo eventualmente vazado.

Também são compromissos aeronaves para monitoramento, transporte e resgate, além de profissionais especializados na proteção de animais, estrutura para proteção da costa, sistemas avançados de contenção de óleo, sistema de bloqueio de vazamentos de poços (Capping), estrutura dedicada de coordenação e resposta a emergências e tratamento de animais em caso de vazamento. •



NEOINDUSTRIALIZAÇÃO E O BRASIL QUE QUEREMOS

Nos próximos anos, a indústria será o fio condutor de uma política econômica voltada para geração de renda e empregos intensivos em conhecimento e de uma política social para as famílias

Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin

Nos últimos anos a indústria brasileira tem enfrentado dificuldades de crescimento, com uma participação cada vez menor no PIB. A desindustrialização precisa ser interrompida, para que geremos mais empregos de qualidade.

A exportação de matérias-primas é importante, mas, em que pese o crescente conteúdo tecnológico associado, é mais vulnerável aos ciclos de preços internacionais. Uma economia baseada no conhecimento depende de recuperarmos nosso setor industrial, em benefício também de nossa soberania em setores como saúde, comunicações, defesa e energia. No entanto, estamos perdendo a corrida da sofisticação produtiva.

Décadas atrás, éramos o 25.º país em complexidade de nossa economia. Hoje, estamos ao redor da 50.ª posição. Países como a China fizeram o caminho inverso: ela se tornou competitiva em setores de ponta, transformou-se numa economia que já é mais complexa que a da Dinamarca e, neste percurso, levantou centenas de milhões de trabalhadores da pobreza. No Brasil, a renda do trabalho teve uma queda de 2% em 2022, atingindo o menor valor em dez anos.

A neointustrialização brasileira requer iniciativa, planejamento e gestão. Nossa diversificação precisa ser criteriosa, a partir dos setores em que já temos know-how, na direção daqueles que podem gerar maior valor adicionado e nos quais temos capacidade de ser competitivos.

Precisamos de uma política industrial inteligente, para o novo momento da globalização - em que mesmo países mais liberais investem em conteúdo nacional: seja para a construção de cadeias produtivas mais resilientes a choques, como o que provocou escassez de insumos na pandemia;

seja para dar conta do imperativo da mudança climática, a corrida espacial do nosso tempo.

Fazer política industrial não é questão de "sim ou não", mas de "como". Nesta tarefa, será fundamental a escuta da sociedade por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI), reativado. Deste fórum sairão as missões a serem dadas à indústria, que ajudarão o País em carências como na saúde e na defesa. Estas se somarão a outras medidas, como o novo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Indústria de Semicondutores (Padis) e o programa de enfrentamento ao custo Brasil. Para estes fins, estamos resgatando ainda a política comercial, que complementa a política industrial. Enquanto esta trata da produção, aquela promove sua vazão.

Oportunidades comerciais se abrem para uma potência verde como nosso país. A redução do uso de combustíveis fósseis na indústria automotiva se dará com o carro elétrico, mas também com biocombustíveis. Podemos exportar carros ou motores flex para mercados aptos a usar etanol na Ásia, na África e na América Latina.

Precisamos reanimar o comércio dentro do nosso continente e com a Costa Atlântica da África, regiões onde num passado recente exportamos mais produtos industrializados; e explorar nichos abertos pelo crescimento na Ásia de países como Índia, Indonésia e Vietnã, assim como numa China que hoje não só exporta muito, mas estimula um florescente mercado interno com poder aquisitivo cada vez maior - possível destino para nossos cosméticos e alimentos.

Há, ainda, oportunidades com o retorno do Brasil ao mapa de investimentos internacionais, aproveitando vantagens em energias renováveis. Com quase 90% da nossa matriz elétrica limpa e expansão da energia eólica e solar,

devemos focar em atrair investimentos verdes.

A força do nosso agronegócio, por sua vez, permite criar uma cadeia de suprimentos que reduza nossa dependência externa com o Plano Nacional de Fertilizantes, estimular a agroindústria e financiar as exportações de maquinário agrícola e de novas tecnologias que estão surgindo no Brasil para atender o campo.

Para a neointustrialização, necessitamos também de políticas horizontais - como uma tributação eficiente e justa. É a reforma tributária, para destravar, desburocratizar e simplificar processos que prejudicam a indústria. A reforma, desenhada para reduzir a cumulatividade e os conflitos, estimulará o investimento privado, elevará as exportações nacionais, combaterá as distorções alocativas e melhorará o ambiente de negócios, reduzindo o custo Brasil.

Temos de facilitar o acesso ao capital, reduzindo seu custo, para que os empreendedores possam criar e expandir os seus negócios. O governo está fazendo sua parte com o novo arcabouço fiscal, reforçando a estabilidade e a previsibilidade em nossa economia.

Por fim, buscamos investir nas pessoas, afinal a indústria só prosperará com capital humano bem formado. Por isso, celebramos os investimentos no novo Bolsa Família, que passa a privilegiar mais as crianças; na educação básica, que rumo para o ensino integral; e na valorização do salário mínimo.

A indústria será, nos próximos anos, o fio condutor de uma política econômica voltada para a geração de renda e de empregos mais intensivos em conhecimento, inclusive no setor de serviços. E de uma política social que investe nas famílias - trabalhadores de hoje e de amanhã. O Brasil de novo se volta para um futuro de inclusão social e crescimento econômico com empregos de qualidade. •



APROVADO O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) e o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE) estiveram à frente das negociações para assegurar a aprovação do novo Regime Fiscal Sustentável por 372 votos

NOVO REGIME FISCAL AVANÇA

Por 372 votos a 108, deputados aprovam o texto-base da proposta, numa vitória do governo. Haddad e Padilha comemoram. “Câmara demonstra compromisso em ajudar Lula a reconstruir o Brasil”, avalia o líder José Guimarães (PT-CE)

O governo Lula obteve a sua mais significativa vitória política no Legislativo com a aprovação do texto-base do novo Regime Fiscal Sustentável. Por larga maioria – 372 votos a 108, com uma abstenção – o plenário da Câmara dos Deputados aprovou, na noite de terça-feira, 23, o texto da ementa que irá substituir o teto de gastos. Eram necessários 257 votos para a aprovação.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, comemorou. “A construção de um crescimento

sustentável passa pelo diálogo aberto e democrático. O Brasil está saindo de uma polarização e voltando a se entender com ele mesmo”, comentou. “A nova regra fiscal, aprovada por quase 400 parlamentares, é uma vitória para o futuro do país”.

Segundo o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, trata-se de uma “vitória importante” para o país. “A medida vai permitir o crescimento sustentável do Brasil, combinando responsabilidade social e fiscal”, avalia. “Teremos responsabilidade social com a fiscal, fir-

me e forte para o Brasil crescer cada vez mais, gerar emprego e investimento”.

“Penso que a Câmara está dando uma demonstração muito firme do compromisso em ajudar o presidente Lula a reconstruir o Brasil”, declarou o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE). De acordo com Guimarães, o novo regime “garantirá ao país credibilidade, previsibilidade e estabilidade para o desenvolvimento social e econômico do Brasil”.

Diferentemente do teto de gastos, as novas regras permitirão

gastos acima da inflação. Assim, o crescimento do gasto corresponderá a 70% da variação da receita em 12 meses acumulados até junho do ano anterior. Para isso, descontada a inflação, o governo adotará uma banda cujo intervalo será de 0,6% a 2,5%.

Na prática, isso permitirá ao governo investir mais quando o país tiver um crescimento mais robusto e, em momentos de menor atividade, ainda assim manter gastos essenciais, como saúde, educação e infraestrutura.

O relator do projeto do novo marco fiscal, deputado Cláudio Cajado (PP-BA), fez ajustes em seu parecer. Um dos ajustes fechados entre o relator, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e líderes partidários estabelece que o aumento de 2,5% dos gastos públicos acima da inflação dependerá da elevação da arrecadação.

Antes, o relatório defendido por Cajado previa que essa alta da despesa ocorreria independentemente da elevação de receita. No novo parecer, o relator excluiu o aumento automático das despesas em 2024 e permitiu ajuste por crédito suplementar se a arrecadação for maior que a esperada.

O relator mudou isso após pressão dos partidos, como PL e União Brasil. A nova regra diz que o crescimento real das despesas será equivalente a 70% do aumento das receitas entre julho de 2022 comparado a junho de 2023, comparado ao mesmo período do ano anterior, com intervalo entre 0,6% e 2,5%. É a mesma norma proposta pelo governo.

Foi adicionada uma brecha, porém, para que apenas no primeiro ano de vigência (2024) o governo possa abrir crédito suplementar se o crescimento das receitas apurado no segundo bimestre (abril) do próximo ano for maior que o verificado na época de elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA). Se, ao final do

ano, isso não se realizar, a diferença será descontada do gasto de 2025.

Outra mudança foi reduzir o valor de largada para 2024. O parecer anterior sofreu críticas porque permitia cerca de R\$ 80 bilhões a mais em gastos, segundo projeção de economistas do mercado financeiro, número refutado pelo relator e pelo governo.

Antes do início da sessão, Cajado ainda se reuniu com parlamentares da bancada da educação e do Distrito Federal. Apesar dos apelos dos dois grupos, o relator reforçou que mantinha os planos de manter dentro do limite de gastos o fundo para financiar os gastos do governo do Distrito Federal e o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb).

Antes da votação, a expectativa de parlamentares do DF é que o PL, principal partido de oposição, apresentasse um destaque para contemplar o pedido da bancada da unidade da federação. Já os deputados da frente parlamentar mista da educação, entre eles a deputada Tabata Amaral (PSB-SP), articularam para que o Psol substituísse o destaque que apresentaria por um que preservaria os recursos do Fundeb fora do limite dos gastos. Nos bastidores, parlamentares ligados a área da educação avaliavam que, caso o Psol aceitasse defender esse ponto, a tendência era de que a maioria do plenário apoiaria a medida.

O vice-presidente Geraldo Alckmin elogiou a votação e afirmou que a aprovação das novas regras abre caminho para o Banco Central reduzir a taxa de juros no país, hoje em 13,75%. "A Câmara deu uma demonstração de compromisso com o país e de confiança na proposta do novo marco fiscal do governo", avaliou. "Seguiremos o caminho em busca da redução dos juros e da retomada econômica". •

A FIESP, AGORA, APLAUDE LULA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi aplaudido na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) na quinta-feira, 25, Dia da Indústria. Ele lamentou que, "neste país, o mercado financeiro tomou conta no lugar da indústria" e o presidente da República não pode criticar a taxa juros porque ele está influenciando na economia.

"Eu quero dizer aqui dentro da Fiesp: é uma excrescência, no dia de hoje, a taxa de juros ser 13,75%. É uma excrescência para este país. O país não merece isso", disse. Ele foi fortemente aplaudido por empresários ao falar sobre a política do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

No Dia da Indústria, Lula parabenizou o presidente da Fiesp, Josué Alencar, por seu caráter e defendeu as bases do seu programa de desenvolvimento econômico-social, que une distribuição de renda, reindustrialização e valorização do agronegócio, com a aprovação de leis pelo Congresso como o novo marco fiscal e a futura reforma tributária.

"Precisamos de uma política industrial ativa e altiva, competitiva, moderna, que leve em conta os avanços tecnológicos, a necessidade de transição energética, tudo que é novidade", disse Lula. Ele ponderou que essas conquistas só fazem sentido se houver "trabalhadores fortes, ganhando salários justos e podendo ser consumidor das coisas que produzem". •

MARCO FISCAL É UM AVANÇO

Projeto aprovado pela Câmara pavimenta o caminho para a redução da criminosa taxa de juros hoje estabelecida pelo BC, de 13,75% ao ano. Além de ser a maior do planeta, a Selic alta é o principal obstáculo ao crescimento econômico do país

Zeca Dirceu

Onovo Regime Fiscal Sustentável da União (PLP 93/23), que substituirá o famigerado atual teto de gastos e já foi aprovado pela Câmara, aguarda agora tramitação no Senado. Ele inaugura um novo tempo na vida do país. Trata-se de uma conquista que aumenta a previsibilidade, estabilidade e confiabilidade da política econômica do Brasil, para que o governo do presidente Lula possa avançar na superação de profundos problemas herdados da gestão anterior.

O novo marco fornece as condições necessárias para perseguir o crescimento econômico controlando os gastos, mas mantendo o investimento público em áreas essenciais como educação, saúde, programas sociais e na valorização real do salário mínimo. O fim do congelamento real dos gastos, imposto pelo teto, é uma extraordinária conquista, fundamental para manter e expandir as políticas públicas requeridas pela população brasileira. Fundamental para garantir dinheiro, entre outras áreas, para a cultura, o esporte, o meio ambiente e o necessário apoio aos pequenos e médios empresários e agricultores. E importante: sem aumento dos tributos, sem penali-



zar trabalhadores, classe média e empresas.

Deve-se também destacar que o novo regime fiscal pavimenta o caminho para a redução da criminosa taxa de juros hoje estabelecida pelo Banco Central, de 13,75% ao ano, a maior do planeta e o principal

obstáculo ao crescimento econômico do país e, com isso, à geração de empregos e renda.

Em conjunto com a apresentação do novo modelo, o governo propõe combater a fraude e a sonegação, além de revisar certas

renúncias fiscais que não beneficiam o interesse público e subtraem grandes volumes de recursos do Estado. O aumento da arrecadação possibilitado por essas medidas contribuirá para equilibrar as contas públicas e cumprir as metas de resultado primário estabelecidas pelo Ministério da Fazenda.

Enfim, ao romper com a camisa de força do teto de gastos, o novo marco fiscal permite que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva continue a implementar o programa de governo de inclusão das camadas pobres da sociedade no Orçamento da União, para fazer justiça social e acabar com a fome que atinge hoje 33 milhões de brasileiros. Com um Bolsa Família sólido, com respeito ao Fundeb e ao piso salarial dos enfermeiros. Um novo marco para levar o Brasil a um outro patamar de desenvolvimento econômico, ambiental e social.

A lição que se pode extrair da votação do Regime Fiscal Sustentável é que foram criadas condições para que o Congresso avance em outras importantes iniciativas, tal como a reforma tributária. As forças políticas não integrantes da base governista soberam ter coerência, serenidade e responsabilidade com o país ao votarem a favor do novo sistema fiscal. Que essa racionalidade seja mantida nas próximas votações. •

* Deputado federal pelo Paraná, é líder da bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados

O NOVO MARCO
FISCAL FORNECE
AS CONDIÇÕES
NECESSÁRIAS
PARA PERSEGUIR
O CRESCIMENTO
ECONÔMICO
CONTROLANDO
OS GASTOS



PRÉVIA DA INFLAÇÃO CAI. E OS JUROS?

Banco Central de Bolsonaro vai manter alta abusiva? IPCA-15 reduziu a 0,51%. “Ninguém mais está discutindo se deve cair. A pergunta agora é quando”, aponta o ministro Fernando Haddad

A pressão para que o Banco Central reduza a taxa básica de juros da economia (Selic) aumentou na última semana, após o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgar que o IPCA-15, a prévia da inflação oficial, caiu de 0,57% em abril para 0,51% em maio. O percentual, o menor desde outubro de 2022, levou à queda dos juros futuros.

O cenário apresentado por esses dados nocauteia o discurso do presidente do BC, o economista Roberto Campos Neto, indicado ao cargo por Jair Bolsonaro. Ele insiste que o controle da inflação justifica a manutenção da Selic em 13,75%. O Brasil tem a taxa real de juros mais alta do mundo. Isso tem sufocado os setores produtivos, ao mesmo tempo em que faz a festa dos rentistas.

“Penso que tudo concorre para uma redução da taxa de juros no Brasil. Ninguém mais está discutindo se deve cair. A pergunta agora é quando. A política fiscal e a política monetária precisam ter uma relação mais orgânica”, disse o ministro Fernando Haddad.

Ainda segundo o IBGE, o IPCA-15, nos últimos 12 meses, acumula alta de 4,07%, abaixo dos 4,16% registrados em abril. E, no acumulado do ano, uma variação positiva de 3,12%.

Os dados de maio apontam para uma inflação menor no mês, abaixo de 0,4%, com o impacto maior da redução dos combustíveis na segunda quinzena e a expectativa de desaceleração dos preços dos alimentos. Dessa forma, o cenário é favorável a uma nova queda nas expectativas de inflação nas próximas semanas.

Ao destacar a importância de

uma relação mais orgânica entre as políticas fiscal e monetária, Haddad esclareceu que estimular a participação do BC no debate com a sociedade não significa questionar a autoridade monetária. O titular da Fazenda sublinhou que o discurso dos presidentes dos bancos centrais ao redor do mundo tem mudado consideravelmente. Ele diz que é fundamental que a sociedade brasileira também participe dessa discussão. “Trazer isso à consideração da sociedade é propugnar por uma visão mais orgânica dessas duas políticas [fiscal e monetária], que, no fundo, são uma só”, disse.

A visão do ministro está alinhada com a do presidente Lula, que iniciou, tão logo tomou posse, o debate sobre a importância da redução das taxas de juros, atraindo apoios no Congresso e, principalmente, entre o em-

presariado. Para Lula e Haddad, a medida seria fundamental para fomentar a economia brasileira e proporcionar melhores condições de financiamento para investimentos produtivos.

Em maio, sete dos nove grupos de produtos e serviços avaliados pelo IBGE registraram alta. Dois grupos tiveram maior influência sobre o índice: Alimentação e bebidas (0,94%) e Saúde e Cuidados Pessoais (1,49%) – ambos contribuíram em 0,20 pontos percentuais.

Dentro do primeiro grupo, a alta foi puxada pela alimentação no domicílio (1,02%), enquanto, no segundo, pelos produtos farmacêuticos (2,68%), após a autorização do reajuste de até 5,60% no preço dos medicamentos a partir de 31 de março. Já a queda do IPCA-15 foi puxada pela redução das passagens aéreas.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante, em entrevista coletiva na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), após anunciar a abertura de linhas de financiamento para incentivar a indústria brasileira, disse que a Selic no patamar atual não se justifica diante da desaceleração da inflação.

“Nós tivemos uma taxa muito baixa por muito tempo. Só que, em 18 meses ela teve uma alta de 11,75%. Ela subiu muito rápido. E nós já estamos com essa taxa de 13,75% há 10 meses. É a maior taxa de juros do mundo e a nossa inflação é das menores. Com essa taxa, qual é o negócio que você consegue manter de pé?”, questionou. Mercadante aponta que a taxa de juros ideal para o Brasil deveria estar “alinhada com a de outros países”. “Estamos completamente fora da curva. Espero que ela caia, caia rápido, caia de forma sustentada”, ressaltou. • **Agência PT**



R\$ 62 BILHÕES NA ECONOMIA NACIONAL

Pagamento do 13º salário a aposentados e pensionistas do governo federal beneficia mais de 30 milhões de brasileiros. Dinheiro na mão do povo

O governo federal começou a pagar, na quinta-feira, 25, o 13º dos aposentados e pensionistas da Previdência Social, o que vai beneficiar mais de 30 milhões de pessoas, com um investimento de R\$ 62,6 bilhões. O cronograma começa com os beneficiários da faixa de até um salário mínimo – R\$ 1.320 – e segue até 7 de junho para aqueles que têm direito ao teto da Previdência – R\$ 7.507,49. A segunda parcela começa a ser paga no fim de junho.

Os pagamentos levam em conta o final do Número de Identificação Social (NIS) dos beneficiários. “Dinheiro na mão da população, para fazer a roda da economia girar e continuarmos o crescimento do nosso país”, disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao anunciar o início dos pagamentos.

Recebem o abono os segurados e dependentes da Previdência Social que, durante o ano de 2023, tenham recebido auxílio por aposentadoria, pensão por morte, incapacidade temporária, auxílio-acidente ou auxílio-reclusão. “Esse

dinheiro circula. É mais gente comprando, mais gente vendendo, mais gente produzindo. E é a melhor e mais inteligente forma de distribuir riqueza: salário”, afirmou o ministro da Previdência Social, Carlos Lupi.

O abono é usualmente pago no segundo semestre de cada ano, em agosto e novembro. A antecipação do benefício foi anunciada no início do mês pelo presidente Lula, alcança todas as unidades da federação e representa uma injeção significativa de recursos nos mercados locais.

“Há 30 dias fizemos um estudo do impacto. É praticamente uma folha a mais. Representa cerca de R\$ 60 bilhões. É um investimento, um recurso que retorna para a economia. A média salarial de quem recebe o benefício é de R\$ 1.700. É um dinheiro usado para completar a renda da família, para ajudar o neto, para comprar uma coisinha a mais”, pontuou o ministro. “Esse dinheiro circula. É mais gente comprando, mais gente vendendo, mais gente produzindo”, completou. • **Agência PT**

TURISMO E CULTURA SÃO ALIADOS DO BEM COMUM

Repasse de parte da receita do Sesc e Senac à Embratur é amparo mútuo e não deve nos transformar em inimigos

Marcelo Freixo

Eu tenho profundo respeito pelo trabalho do Sesc e Senac. Por isso, jamais apoiaria qualquer proposta que afetasse as ações



das entidades. O debate em torno da proposta de destinar 5% da arrecadação das instituições à Embratur, que será votada pelo Senado, não é sobre a relevância dos serviços prestados. É sobre orçamento, transparência e utilização de recursos públicos.

Em 2019, o governo Jair Bolsonaro (PL) modificou o status jurídico da Embratur, que deixou de ser autarquia federal e passou a ser uma empresa de serviço social autônomo. Com a iniciativa, a Embratur foi retirada do Orçamento da União e ficou sem uma fonte permanente de financiamento. Isso significa que, a partir do ano que vem, o Brasil não terá dinheiro para investir na atração de turistas estrangeiros. A Embratur vai ter que parar.

Para resolver o problema, solicitamos à Fundação Getúlio Vargas (FGV) estudo de possíveis fontes de financiamento para a agência sobreviver. O resultado

foi a sugestão de destinar 5% do que arrecadam Sesc e Senac para financiar ações de promoção do turismo internacional.

Segundo o portal da transparência do Sesc e Senac, as entidades arrecadam juntas R\$ 9 bilhões ao ano. Em média,

todos os anos sobram do orçamento R\$ 2 bilhões. Os superávits acumulados fizeram com que as duas instituições tenham na conta R\$ 15 bilhões. Sabe quanto será destinada ao turismo, de acordo com a proposta? R\$ 447 milhões. É menos de 3% das sobras acumuladas no orçamento. Além disso, as entidades embolsam através de rendimentos com aluguel de imóveis e aplicações no mercado financeiro R\$ 2 bilhões ao ano.

O que será destinado ao turismo é muito menor do que sobra todos os anos do orçamento. Não é verdade que unidades serão fechadas e ações do Sesc e Senac serão paralisadas. Esse debate precisa ser feito com a verdade, baseado nos números. Afinal, estamos tratando de dinheiro público, fruto de imposto compulsório recolhido pela Receita Federal.

A escolha das entidades para contribuir se deve ao fato de o

setor de comércio e serviços ser o mais beneficiado pela vinda de visitantes estrangeiros. No primeiro trimestre deste ano, recebemos 2,3 milhões de visitantes de outros países. Eles gastaram em nosso país R\$ 8,6 bilhões, gerando emprego e renda. A promoção internacional do turismo é estratégica para o Brasil. Segundo a FGV, a cada R\$ 1 investido em promoção, R\$ 20 entram na economia do país. É dinheiro que favorece o comércio com o crescimento do consumo, a cultura com o aumento do público e o Sesc e o Senac, que vão arrecadar mais com a movimentação econômica.

O debate não é sobre o dinheiro que está chegando na cultura. É sobre o que não chega porque está aplicado no mercado imobiliário e financeiro. Não sou o primeiro a questionar o uso desses recursos. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) fez o mesmo na criação da ApexBrasil, e o ministro Fernando Haddad (Fazenda), quando à frente da pasta da Educação, também, ao destinar parte do dinheiro para o ensino profissionalizante gratuito. Divergências não devem nos transformar em inimigos. •

* Presidente da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur)



ENCONTRO Em Hiroshima, Lula encontrou-se com o primeiro-ministro da Austrália Anthony Norman

LULA COBRA DOS PAÍSES RICOS

Na reunião do G7, no Japão, o presidente defende cessar-fogo na Ucrânia e reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. "A ONU de 1945 já não existe mais", criticou

Único presidente brasileiro a participar de uma reunião do G7, Luiz Inácio Lula da Silva confirmou, durante sua visita ao Japão, no último final de semana, que o Brasil está de volta à mesa de discussão sobre os temas mais importantes da geopolítica mundial. Ele participou de uma agenda extensa de debates sobre temas variados, da crise climática à transição energética, passando por saúde pública, desarmamento nuclear, a defesa do Estado de Direito e a guerra na Ucrânia.

No encontro com os líderes das sete nações mais desenvolvidas do mundo, Lula cobrou um compromisso dos países ricos com a defesa do meio ambiente. Ele também voltou a insistir no fim do conflito entre Rússia e Ucrânia. "Em todas as COPs [Conferências do Clima das Nações Unidas] as pessoas falam que vão doar US\$ 100 bilhões. Nós estamos aguardando", afirmou. "Não queremos transformar a Amazônia em um santuário da humanidade".

"Ou todos nós entendemos que o barco é um só, que o planeta é redondo, ou entendemos que uma desgraça que vier vai pegar todo mundo de calça

curta", declarou o presidente ao fazer um balanço do encontro, diante da imprensa mundial. E alertou: "Os cientistas estão nos prevenindo, então é importante termos clareza de que nós seremos os responsáveis de nos salvar ou de nos matar".

Lula voltou a defender um cessar-fogo na Ucrânia e criticou os países envolvidos no conflito. "Só é possível discutir a paz quando o [Volodimir] Zelensky e o [Vladimir] Putin quiserem discutir a paz", declarou. "Não é possível construir uma proposta em guerra. Queremos que primeiro parem os ataques e depois a gente encontre uma saída negociada. É

assim que a gente vai encontrar a paz. Ninguém tem um modelo pronto, o modelo pronto será deles”, destacou.

O presidente também voltou a insistir na necessidade de uma reforma no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Para o líder brasileiro, a organização não tem mais autoridade para discutir um processo de paz. “Estou reclamando uma mudança no Conselho de Segurança da ONU”, destacou. “Que entrem mais países da América Latina, mais países da África, que entrem o Japão, a Alemanha e a Índia. Que entrem países importantes. A África tem 54 países, por que a África não tem um ou dois representantes?”, questionou.

“A ONU de 1945 já não existe mais”, definiu. “Ela foi criada para manter a paz no mundo mas ela não tem mais autoridade para manter a paz no mundo porque são os mesmos do Conselho de Segurança que fazem a guerra”. E criticou: “Se o conselho funcionasse como deveria funcionar, possivelmente não teria acontecido a guerra da Ucrânia e da Rússia”.

Ele voltou a pedir uma solução baseada no diálogo para o conflito na Ucrânia e a criação de um espaço para negociações. E destacou que outros conflitos que ocorrem fora da Europa também merecem mobilização internacional. “Israelenses e palestinos, armênios e azéris, cossovares e sérvios precisam de paz. Yemenitas, sírios, líbios e sudaneses, todos merecem viver em paz”, afirmou.

Lula defendeu ainda a necessidade de ratificação do Tratado para a Proibição de Armas Nucleares. “Não são fonte de segurança, mas instrumento de extermínio”, disse. “Enquanto existirem armas nucleares, sempre haverá a possibilidade de seu uso”, concluiu.

A diplomacia brasileira aproveitou a oportunidade para fazer uma série de reuniões bilaterais.

A primeira ocorreu na sexta-feira, 19, com o primeiro-ministro da Austrália, Anthony Albanese. O tema principal foi o meio ambiente, já que a Austrália tem projetos de investimento na produção de hidrogênio verde no Ceará. Mas também foram discutidas as relações de trabalho na era digital, tema caro ao primeiro-ministro, que também veio do trabalhismo, como o líder brasileiro.

Na sequência, Lula teve encontros com autoridades de vários países. Esteve reunido com os primeiros-ministros do Japão, Fumio Kishida; da Alemanha, Olaf Scholz; e do Vietnã, Pham Minh Chinh. Também conversou com os presidentes da Indonésia, Joko Widodo, e da França, Emmanuel Macron, além do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. Com o Japão, em particular, Lula avançou em tratativas para atrair investimentos na saúde.

Lula confirmou que é uma das poucas lideranças mundiais com autoridade para colocar o dedo na cara dos países ricos e apontar que o sistema financeiro é o grande responsável pelas crises econômicas e desigualdades sociais do planeta. Sem rodeios, disse que o sistema “expôs a fragilidade dos dogmas e equívocos do neoliberalismo”.

“O sistema financeiro global tem que estar a serviço da produção, do trabalho e do emprego”, apontou o presidente. “Só teremos um crescimento sustentável de verdade direcionando esforços e recursos em prol da economia real”.

Em seguida, tratou de meio ambiente. “O mundo passa hoje por uma crise que não afeta a todos da mesma forma, nem no mesmo grau, nem no mesmo ritmo. Mais de 3 bilhões de pessoas já são diretamente atingidas pela mudança do clima, em especial em países de renda média e baixa”, discursou. • **Agência PT**

A GAFE DO UCRANIANO

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, cometeu uma gafe diplomática ao debochar do brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva durante a cúpula do G7, em Hiroshima, no Japão. No domingo, 21, em uma entrevista coletiva, ele foi questionado se estava desapontado por não ter encontrado Lula.

Em tom irônico, o líder ucraniano afirmou que na verdade quem deve ter ficado desapontado foi o presidente brasileiro. Zelensky mencionou que encontrou quase todos os líderes presentes no evento, mas que a agenda deles pode ter impossibilitado o encontro com o presidente brasileiro.

Segundo a assessoria da Presidência da República, a falta de compatibilidade de horários foi o motivo para a não realização da reunião bilateral entre Zelensky e Lula. O pedido para o encontro partiu do ucraniano, mas ao longo do sábado. A equipe brasileira ofereceu um horário na tarde de domingo. Em vão.

Assessor especial do presidente Lula (PT) para assuntos internacionais, o ex-chanceler Celso Amorim afirmou que o “desencontro” entre o mandatário brasileiro e o colega ucraniano não prejudica os esforços do Brasil em busca do fim da guerra entre Rússia e Ucrânia.

“Não sei exatamente como foi, eu não estava lá, mas ele [Lula] veria o Zelensky, sem problemas. Foi um desencontro normal nesse tipo de reunião, em que há muitos pedidos de conversa. O presidente tinha agenda com diversos outros líderes”, afirmou Celso Amorim à CNN Brasil. •

1º de junho de 1933 **GETÚLIO REGULA A AGROINDÚSTRIA**

O governo Getúlio Vargas publica decreto criando o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). A nova autarquia será o agente regulador do setor sucroalcooleiro nacional, definindo e monitorando cotas de produção de açúcar e álcool por usina. Assim como o decreto de fevereiro de 1931, que obriga a mistura de 5% de álcool nacional à gasolina, essa medida pretende incentivar o consumo do produto.

A agroindústria canavieira vinha sofrendo importantes perdas desde o início da grande depressão mundial, o que reduziu as exportações a praticamente quase zero. A situação se agravou com o aumento da produção, o que ampliou a oferta para níveis superiores à capacidade de absorção do mercado interno. A criação do IAA busca incentivar o consumo e regular o mercado.



9 de junho de 1935 **FUNDADA A AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA**

O cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme, anuncia a promulgação dos estatutos da Ação Católica Brasileira (ACB) em todos os estados, dioceses e paróquias do país. O jornalista católico Alceu Amoroso Lima, mais conhecido como Tristão de Ataíde, falou no auditório do Automóvel Clube do Rio de Janeiro, lotado para o encerramento da festa de Pentecostes, sobre as responsa-

bilidades da chamada “milícia de Jesus”. Segundo ele, o Brasil vive uma hora grave, por causa da criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Para enfrentá-la, defende a criação de uma aliança de direita. “Essa frente única do bem, sob as várias modalidades que pode assumir no terreno político, social, moral ou intelectual, é uma das necessidades mais urgentes da hora grave em que vivemos”, discursou.

1 de junho de 1942 **COMPANHIA VALE DO RIO DOCE É NOSSA!**

O presidente da República, Getúlio Vargas, assina decreto passando para a propriedade da União a estrada de ferro Vitória-Minas e o porto de embarque de minérios do Espírito Santo, que pertencia à Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia.

Getúlio quer nomear um superintendente para administrar as companhias de extração e transporte de minério de ferro, até que seja formalizada a nova corporação – a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) –, que terá capital (misto) de 200 mil contos de réis e controle acionário do

governo federal. A CVRD incorporará a Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia e a Companhia Itabira de Mineração. Sua organização se dará nos mesmos moldes da Companhia Siderúrgica Nacional.

Esse decreto também teve a finalidade de regulamentar os Acordos de Washington, pelo qual o Brasil se comprometeu a fornecer minério de ferro aos Aliados. Como decorrência, foi dissolvida a companhia inglesa Itabira Iron Ore Company, cujas jazidas foram incorporadas ao patrimônio da União.

Junho de 1962 **JUVENTUDE CATÓLICA DOBRA À ESQUERDA**

Termina, no convento dos jesuítas de Belo Horizonte, o 1º Congresso da Ação Popular, iniciado dia 31 de maio e decisivo para a constituição de um movimento com autonomia em relação à hierarquia da igreja católica. Esse congresso decidiu-se pela criação da Ação Popular (AP), com profissão de fé no “socialismo como humanismo”, na democracia e no pluralismo democrático. Em fevereiro do ano seguinte, na Bahia, o grupo seria formalmente criado e passaria a atuar politicamente.

Iconographia



Reprodução

30 de maio de 1956

A TARIFA DO BONDE AUMENTA E O RIO PARA

Em resposta à decisão do prefeito Negrão de Lima, que dobrou as tarifas dos bondes, os estudantes iniciam um protesto. Confrontos violentos entre a polícia e estudantes da União Nacional dos Estudantes (UNE) em frente à sede da entidade, no bairro do Flamengo, propagam-se pela cidade. Bondes da companhia Light são virados e incendiados. O presidente Juscelino Kubitschek

retorna imediatamente de Belo Horizonte, mas só de helicóptero consegue chegar ao Catete.

Para restabelecer a ordem, Juscelino nomearia o chefe militar Odílio Denys governador militar da cidade, com a determinação de não causar vítimas. Todavia, a violência usada para conter o tumulto seria muito grande. Em outras cidades os estudantes universitários somaram-se à greve carioca.

Junho de 1968

SÉRGIO MACACO EVITA BANHO DE SANGUE

No momento em que chega ao auge o movimento pelo retorno à democracia - com a Passeata dos Cem Mil e manifestações contra a ditadura em todo o país -, um grupo de oficiais da Aeronáutica trama um plano para assassinar os líderes da oposição e lançar o país no mais completo terror.

Liderados pelo brigadeiro João Paulo Burnier, comandante da 3ª Zona Aérea, os militares pretendiam sequestrar e jogar ao mar políticos, líderes estudantis, militantes de esquerda e personalidades da oposição. Ao mesmo tempo, planejavam detonar bombas em instalações das Forças Armadas e prédios do governo. Os atentados seriam atribuídos a organizações de esquerda. Para realizar a ação terrorista, Burnier tencionava utilizar oficiais do Para-Sar, grupo de elite da Aeronáutica especializado em busca e salvamento.

O plano enfrentou a resistência de sete sargentos e dois capitães do esquadrão, entre eles o líder do grupo, capitão Sérgio Miranda de Carvalho, conhecido como Sérgio Macaco, cassado pelo AI-5 e afastado da Aeronáutica.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br

1º de junho de 1964

NOVA LEI ANTIGREVE GOLPEIA SINDICATOS

A Lei nº 4.330, conhecida como Lei Antigreve, é aprovada pelo Congresso e sancionada pelo general presidente Castelo Branco. Tornou praticamente impossíveis as paralisações de trabalhadores tantas eram as exigências previstas no texto. Uma paralisação teria de ser aprovada pelo voto secreto de dois terços da categoria em dois turnos, com intervalo de um mês entre eles. Uma das primeiras medidas do regime militar foi o banimento do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Junho de 1964

EUA DITAM REFORMA DO ENSINO NO BRASIL

Dois meses depois do golpe apoiado pelo governo norte-americano, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) firma acordos de assistência técnica com a United States Agency for International Development (Usaid). Mantido em segredo por quase dois anos, o conteúdo dos acordos MEC-Usaid foi a base de uma reforma do ensino volta para as necessidades imediatas da economia. A implantação desse modelo implicaria mais tarde na redução de tempo de estudo e eliminação de conteúdos como filosofia.



Carlos Marinho/UnB

4 de junho de 1977

PRISÃO DE 300 IMPEDE ENCONTRO PELA UNE

A ditadura impede a realização do 3º Encontro Nacional dos Estudantes (ENE) em Belo Horizonte. Na pauta da reunião estava a recriação da União Nacional dos Estudantes (UNE), declarada ilegal desde o golpe militar de 1964.

A polícia impediu o acesso dos ônibus com caravanas de todo o

país na entrada da capital mineira. O Exército cercou o local do encontro, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sob ameaça de violenta invasão do campus, cerca de 300 estudantes se entregaram. Foram presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Dois dias depois da repressão ao 3º ENE, o reitor da Universidade de Brasília (UnB), o capitão-de-mar-e-guerra José Carlos Azevedo, puniria estudantes por manifestações de solidariedade aos colegas mineiros. O reitor decretou o recesso da universidade, ocupada pela polícia, que prendeu professores, alunos e funcionários. Era a terceira invasão da UnB pela ditadura militar.

2 de junho de 1988

CONSTITUINTE APROVA 5 ANOS PARA SARNEY

A Assembleia Nacional Constituinte aprova o mandato de cinco anos para o presidente da República e o presidencialismo como forma de governo. Ao derrotar a oposição e o bloco parlamentarista, que reunia boa parte da esquerda e dos setores democráticos que haviam lutado contra a ditadura, o presidente José Sarney garante sua permanência no governo até março de 1990.

Desde o início do ano, a Constituinte se dividira nas questões da duração do mandato presidencial e da forma de governo. Os governistas defendiam o presidencialis-

mo e o mandato presidencial de cinco anos, inclusive para Sarney. A oposição se dividia entre os que propunham quatro anos para todos os presidentes, inclusive o presidente em exercício, e os que desejavam um mandato de cinco anos para o futuro, porém mais curto para Sarney.

Pesquisas da época registraram a preferência da população pelo mandato de quatro anos, que passaria a vigorar em 1997. Essa duração foi definida na emenda que introduziu a reeleição, sob o patrocínio do então presidente Fernando Henrique.

Jorge Rosenberg/Abriil





ClaudioVersiani/Abri

3 a 14 de junho de 1992 **ECO-92 REÚNE O PODER GLOBAL NO RIO**

É realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco-92, com a presença de líderes de mais de uma centena de países e cerca de 30 mil participantes. É a primeira reunião global de chefes de Estado e de governo para discutir os problemas ambientais do planeta. Seu principal objetivo é criar um código de conduta sobre meio ambiente.

A conferência consagrou a Convenção da Biodiversidade, que prevê a regulação da transferência de tecnologia dos países mais ricos para os mais pobres que sejam detentores de abundantes recursos naturais. Os EUA tentaram subordinar os propósitos da Eco a seus interesses.

1º de junho de 1992

CPI DESVENDA OS PODERES DE PC FARIAS

É instalada a CPI mista requerida pelo PT para apurar as denúncias de Pedro Collor de Mello contra o irmão, o presidente Fernando Collor de Mello. Em entrevista à revista "Veja", publicada em maio, Pedro acusara o empresário alagoano Paulo César Farias, o PC Farias, de atuar como testa-de-ferro do presidente em um esquema de cobrança de propinas e arrecadação ilegal.

Tesoureiro da campanha eleitoral de Collor em 1989, PC Farias, segundo a denúncia, transitava no meio empresarial intermediando negócios, favores e nomeações mediante a cobrança de propinas. Dizia falar em nome do presidente.

A CPI confirmou a existência do esquema, a ingerência de PC Farias em todos os níveis de governo e descobriu que despesas pessoais do presidente da República e de sua mulher, Rosane, eram pagas pelo empresário com cheques de contas em nome de fantasmas. O esquema chefiado pelo ex-tesoureiro teria movimentado cerca de US\$ 1 bilhão, entre recursos arrecadados

de empresários sob a forma de propina e recursos públicos desviados.

O cerco se fechou com a descoberta pela CPI de que um Fiat Elba, dirigido por Eriberto França, motorista da secretária particular de Collor, Ana Acioli, fora comprado com cheque de uma das contas fantasmas.

O depoimento de Eriberto à CPI, no mês de julho, foi demolidor, ao revelar que outros pagamentos foram feitos a mando de Ana com cheques dessas contas. Surgiram provas de que uma empresa privada pagou despesas da Casa da Dinda, residência particular do presidente. Descobriu-se também que Ana Acioli e PC Farias fizeram saques de suas contas às vésperas do confisco imposto pelo Plano Collor.

Em 25 agosto, milhares de pessoas saíram às ruas pedindo o impeachment do presidente. No dia seguinte, a CPI aprovou o relatório final concluindo que Collor havia desonrado o exercício da Presidência ao manter ligações com o esquema de corrupção chefiado por PC Farias.

1º de junho de 2001

COM FHC, AMEAÇA DE 'APAGÃO'

Todos os lares brasileiros são obrigados a reduzir em 20% os gastos com energia elétrica. Aqueles que não cumprissem a meta teriam de pagar multas e sobretaxas na conta de luz. A medida imposta pelo governo Fernando Henrique Cardoso para inibir o consumo e evitar os apagões. A população atendeu às imposições para escapar do blecaute e defender o próprio bolso.

A falta de investimentos no setor elétrico e em fontes alternativas de geração de energia levaram à mais grave crise de abastecimento da história da República, num ano em que a escassez de chuvas provocou redução drástica nos níveis dos reservatórios das hidrelétricas. O governo foi forçado a tomar medidas também junto às indústrias.



Olimpio

A RAINHA BRILHA NO CÉU

Morre, aos 83 anos, a cantora norte-americana Tina Turner, a lenda do rock. Sua estrela começou a brilhar ainda nos anos 1960, ao lado de um parceiro terrível, mas ela se reinventou e forjou uma carreira multiplatinada, que a levou aos palcos com astros como David Bowie, Mick Jagger e The Who

Uma lenda da música mundial foi brilhar no céu na última semana. A cantora Tina Turner, a estrela pioneira do rock'n'roll que se tornou uma gigante pop na década de 1980, morreu aos 83 anos após uma longa doença. Ela sofreu problemas de saúde nos últimos anos, foi diagnosticada com câncer intestinal em 2016 e teve um transplante renal em 2017. Sua fama alcançou milhões ao longo de cinco décadas.

Em um comunicado distribuído na noite de quarta-feira, 24, Bernard Doherty, relações públicas da cantora, anunciou: "Tina Turner, a 'Rainha do Rock'n Roll', morreu pacificamente hoje aos 83 anos após uma longa doença em sua casa em Kusnacht, perto de Zurique, Suíça. Com ela, o mundo perde uma lenda da música e um modelo a seguir".

O comunicado não exagera. Tina Turner afirmou e ampliou a participação das mulheres negras no rock'n'roll, redefinindo essa era da música na medida em que Mick Jagger admitia ter se inspirado em suas performances ao vivo energéticas para moldar sua própria personalidade de palco. Estamos falando de uma lenda que não se esquecia de admirar outra lenda. Sua vida foi narrada em três memórias, um filme biográfico, um musical de jukebox e, em 2021, o documentário, "Tina".

Depois de duas décadas trabalhando com seu principal parceiro – Ike Turner – um marido abusivo que a agredia e a maltratava física e psicologicamente –, Tina partiu em carreira solo e voou longe. Sozinha, depois de alguns falsos começos, Tina se tornou um dos ícones da música pop que definiram o som da década de 1980 com o álbum "Private Dancer", lançado em maio de 1984. A canção-tema é uma composição do guitarrista

britânico Mark Knopfler.

Tina Turner nasceu Anna Mae Bullock em 26 de novembro de 1939 e foi criada em Nutbush, no estado do Tennessee, onde se lembrou de colher algodão com sua família quando ainda era uma criança. Ela cantou no coro da igreja da pequena cidade e, quando adolescente, falou – ou melhor, cantou – entrando na banda de Ike em St. Louis. Ele recusou seu pedido para se juntar até ouvi-la pegar o microfone durante uma apresentação do Kings of Rhythm para uma versão de "You Know I Love", do bluesman BB King.

Depois que seus talentos vocais se tornaram aparentes, Ike deu a ela o nome de Tina Turner – e registrou-o, caso ela o deixasse ou ele próprio quisesse substituí-la. O parceiro musical rapidamente se tornou abusivo. Quando ela tentou deixar o grupo no início, depois de ter tido uma noção de seu caráter, ele bateu nela com um sapato de madeira.

"Meu relacionamento com Ike estava condenado no dia em que ele descobriu que eu seria sua garantia de ganhar dinheiro", escreveu Turner em sua autobiografia de 2018, "My Love Story". "Ele precisava me controlar, econômica e psicologicamente, para que eu nunca pudesse deixá-lo", explicou.

Tina fez sua estreia sob o nome de Ike e Tina Turner com o single "A Fool in Love", em julho de 1960. O disco rompeu o Top 30 dos EUA e começou uma corrida de sucesso respeitável nas paradas. Mas foram as apresentações ao vivo que fizeram sensação. Ike excursionou agressivamente no Circuito Chitlin' - inclusive na frente de públicos desagregados, tal era seu poder comercial. Em 1964, assinaram com a marca da Warner Bros, Loma Records, que lançou seu primeiro álbum nas paradas: "Live! The Show of Ike e

Tina Turner".

Na segunda metade dos anos 1960, a dupla foi cortejada por muitos dos maiores nomes do rock. Phil Spector produziu o single de 1966 "River Deep - Mountain High". Eles abriram para os Rolling Stones. Estrelas como David Bowie, Sly Stone, Cher, Elvis Presley e Elton John vieram para sua residência em Las Vegas.

No divórcio, finalizado em 1978, Tina saiu com apenas dois carros e os direitos de seu nome artístico. "Ike lutou um pouco porque sabia o que eu faria com isso", disse no documentário "Tina". A cantora, que já havia lançado dois discos solo, continuou buscando uma carreira solo, embora demorasse até lançar seu quinto álbum, "Private Dancer". No documentário Tina, ela descreveu o álbum de 1984 como sua estreia. "Eu não considero isso um retorno," disse. "Tina nunca tinha chegado."

A estrela creditou ao budismo e particularmente à prática de cantar com o impacto positivo em sua vida na década de 1980. Fora da música, estrelou "Mad Max Beyond Thunderdome", ao lado de Mel Gibson, em 1985. Ela publicou seu primeiro livro de memórias, o best-seller global "I, Tina", em 1986, que mais tarde foi adaptado para o filme de 1993 "What's Love Got to Do With It?", estrelado por Angela Bassett. Em 1995, ela cantou a música tema do filme "007 contra Goldeneye", de James Bond.

Tina anunciou sua aposentadoria em 2000, um ano depois de lançar seu último álbum "Twenty Four Seven", embora voltasse ao palco em 2008, se apresentando no Grammy com Beyoncé e para uma turnê final para marcar 50 anos de carreira. E foi o fim. "Eu estava cansada de cantar e fazer todo mundo feliz", disse ao New York Times em 2019. "Isso é tudo o que eu já fiz na minha vida." •

OBITUÁRIO

O ESCRITOR MARTIN AMIS MORRE AOS 73 ANOS

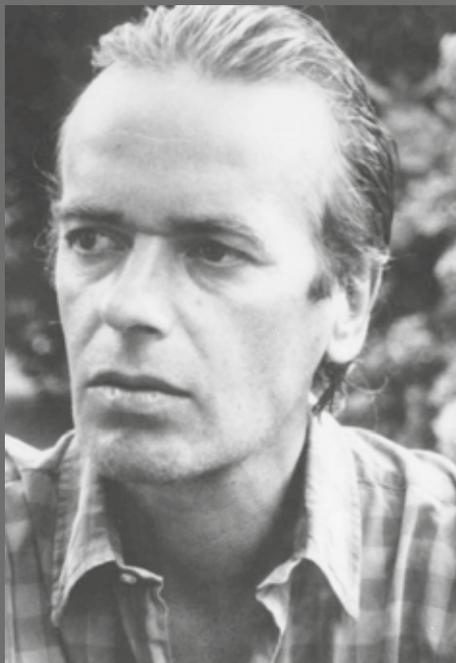
O Reino Unido perde o autor de "Grana" que ajudou a definir a cena literária inglesa dos anos 1980 e 1990. Ele morreu de câncer de esôfago. Um de seus romances, "Zona de Interesse", ganhou as telas em adaptação exibida no Festival de Cannes

Um dos mais importantes romancistas ingleses dos últimos 40 anos morreu em casa, na Flórida, vítima de um câncer no esôfago. Martin Amis, o influente autor de romances que definiram os anos 1980 e 1990, morreu aos 73 anos em casa, segundo a mulher, a escritora e jornalista estadunidense Isabel Fonseca.

A morte foi anunciada um dia depois da exibição do longa "Zona de Interesse", no Festival de Cannes. O filme, dirigido por Jonathan Glazer, foi inspirado no livro homônimo escrito por Amis, um dos principais de sua carreira literária. Amis estava entre o célebre grupo de romancistas, incluindo Salman Rushdie, Ian McEwan e Julian Barnes, cujas obras definiram a cena literária britânica na década de 1980.

Seu romance de 1984 "Grana" foi nomeado por Robert McCrum no jornal britânico *The Guardian* entre os 100 melhores romances escritos em inglês. É apontado como um "livro de zeitgeist que continua sendo um dos romances dominantes da década de 1980". Em uma entrevista à *Paris Review*, Amis disse que "as tramas realmente importam apenas em thrillers", e que "Grana" era um "romance de voz". "Se a voz não funcionar, você está ferrado", disse.

Amis nasceu em 1949 em Oxford e estudou em escolas na Grã-Bretanha, Espanha e EUA, antes de ir



Reuters

parado com seu pai, Kingsley Amis, que ganhou o prêmio Booker em 1986 por seu romance "The Old Devils". Embora o Amis mais jovem nunca tenha ganhado o Booker, ele foi pré-selecionado para seu romance de 1991 "Time's Arrow", um retrato de um criminoso de guerra nazista contado em ordem cronológica inversa, e pré-selecionado em 2003 para seu romance "Yellow Dog".

Amis escreveu sobre a morte do pai em seu livro de memórias "Experience", publicado em 2000. O livro aborda a separação de Amis de sua primeira esposa e mãe de seus dois filhos, a acadêmica americana Antonia Phillips. A obra também descreve o que aconteceu quando o autor descobriu que ele era o pai de uma filha de 17 anos, Delilah Sale, que nunca conheceu, e reflete sobre a vida da prima de Amis, Lucy Partington, assassinada por Fred e Rosemary West.

Amis e seu amigo íntimo Christopher Hitchens faziam parte de uma corte de romancistas e pensadores com um perfil público que se estendia muito além da página. Em 2002, Amis publicou "Koba the Dread: Laughter and the Twenty Million", uma obra de não-ficção sobre o Grande Terror de Stalin. O livro provocou uma controvérsia literária, em parte por causa de seu ataque a Hitchens, a quem Amis acusou de ter simpatia por Stálin e pelo comunismo. •

para o Exeter College, Oxford, onde se formou com honras de primeira classe em inglês. Ele creditou sua madrastra, a romancista Elizabeth Jane Howard, por acordá-lo para a literatura quando era um adolescente à deriva.

Seu primeiro romance, "The Rachel Papers", foi publicado em 1973, enquanto ele trabalhava como assistente editorial no 'Times Literary Supplement'. Ganhou o prêmio Somerset Maugham em 1974, e outro livro, o cômico "Blackly Dead Babies", foi publicado no ano seguinte. Ele trabalhou como editor literário do "New Statesman" entre 1977 e 1979, período em que publicou seu terceiro romance, "Success".

Amis foi frequentemente com-

Organização

Jacques Mick

João Carlos Nogueira

VIVER POR CONTA PRÓPRIA

Como enfrentar
desigualdades
raciais, de classe e
gênero e apoiar a
economia popular
nas periferias
brasileiras

RECONEXÃO
PERIFÉRIAS



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Máira de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores